

An abstract painting featuring three faces rendered in a textured, expressive style. The faces are composed of various colors including brown, red, blue, and white, with visible brushstrokes. The faces are arranged in a triangular composition, with one face at the top left, one at the top right, and one at the bottom left. The overall mood is contemplative and complex.

GRAÇA MORAIS

# Anjos e lobos

— DIÁLOGOS DA HUMANIDADE



SÃO ROQUE





GRAÇA MORAIS

# Anjos e lobos

— DIÁLOGOS DA HUMANIDADE



SÃO ROQUE





# — ANJOS E LOBOS, DIÁLOGOS DA HUMANIDADE

## NOTA DE ABERTURA

ANTÓNIO AFONSO LIMA

Conheci Graça Morais enquanto estudante, ao visitar o seu atelier da Bica, em Lisboa. Grande emoção. Um *atelier* velho, mas com muito charme. Respirava-se trabalho, muita energia, muita pintura.

Já na São Roque, Maria Helena Roque, fundadora e Mãe de Mário Roque falava-me da paixão pela obra da artista. Da sua energia. Do seu imaginário. Da sua verdade. Da sua contemporaneidade. Das referências clássicas numa linguagem muito própria, única e internacional sem medo e sem receios.

A São Roque, pela segunda vez, mostra um conjunto de obras da pintora, dez anos depois da exposição *Olhar Graça Morais*.

Já terão passado mais de trinta anos, mas a sensação que tivera então, voltou. Senti-a, ao visitar hoje o atelier com o Mário Roque, em tardes de boa luz.

Conversar com Graça Morais, para mim, é ficar mais rico, é ficar mesmo mais rico.

Graça Morais fala-me de tudo, mesmo de tudo o que risca, de tudo o que pinta. Das suas idas ao estrangeiro, dos museus que visita. Das suas conversas com Paula Rego. Confesso, tenho muita sorte.

Sinto a força do seu olhar de menina, olhar genuíno, olhar que não tem medo.

E o olhar sobre o mundo, sobre os Anjos, sobre os Lobos. Os lobos que assombram a atualidade e os heróis incógnitos que eterniza.

Graça Morais, obrigado por me dar oportunidade de privar consigo as suas histórias, o seu mundo. ✍







# — GRAÇA MORAIS

## BREVE BIOGRAFIA

Nasce em 1948, Vieiro, Trás-os-Montes. Conclui o Curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, em 1971.

Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian de 1976 a 1979, em Paris.

Inauguração do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM) no ano de 2008, em Bragança, projecto de E. Souto Moura.

Criação do Laboratório de Artes na Montanha, em 2018: centro de documentação sobre a obra da artista e serviço educativo polivalente associado ao CACGM.

Vive e tem o atelier em Lisboa e Trás-os-Montes.

Intervenções em espaços públicos (selecção): painel de azulejos na estação de Metropolitano da Bielorrússia, Moscovo, e da Falagueira, Amadora; Estação Caminhos de Ferro, Foguetreiro; CGD, Lisboa; Mercado M., Bragança; Biblioteca M., Carrazeda de Ansiães; Caixa de Crédito Agrícola, Bragança; Teatro M., Bragança; Escolas M. J. do Amaral e Miguel Torga, Bragança; painéis dos Viaduto de Rinchoa, Centro Planetário do Porto e Central Hidroelétrica de Vilar de Frades.

Membro efectivo da Academia Nacional de Belas Artes e do Centro Nacional de Cultura; Conselheira de Honra do ISCSP e de diversas associações, confrarias e fundações culturais.

Colaboração e ilustração em obras de poetas e escritores: Agustina Bessa-Luís; José Saramago; Miguel Torga; Sophia de Mello Breyner; Pedro Tamen; A. Alçada Baptista; Manuel A. Pina; Nuno Júdice; Clara Pinto Correia; José F. Fafe; António

Osório; Ana M. Gastão; José Carlos Vasconcelos e Valter Hugo Mãe, entre outros.

Representada em inúmeras colecções públicas e privadas: Assembleia da República; Câmara M. Lisboa; Universidade Técnica, Lisboa; Fundações C. Gulbenkian, Serralves, Luso-Americana, Mário Soares e Paço D'Arcos; Ministério das Finanças; Casa-Museu Anastácio Gonçalves; Museus de Angra do Heroísmo, Municipal de Vila Flor, Abade Baçal em Bragança e Arte Moderna de São Paulo; Bancos: Millennium-BCP, Espírito Santo, Português de Negócios, Montepio Geral, Caixa Geral de Depósitos, Caixa de Crédito Agrícola; Colecção Manuel Brito, Culturgest, Coop. Árvore, CACGM.

### PRÉMIOS E DISTINÇÕES

1982, Prémio da Bienal de Lagos; 1991, Prémio SocTip — Artista do Ano; 1997, Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique; 2011, Prémio das Artes-Casino da Póvoa; 2013, Prémio Aquisição, Academia Nacional Belas-Artes; 2014, Distinção Mulheres Criadoras de Cultura; 2015, Homenagem, Plast&Cine, Bragança; 2016 Prémio “Obra de Vida” SOS Azulejo; 2017, Medalha de Mérito Cultural e Científico, Grau Ouro, Gaia; 2018, Medalha de Honra, Instituto Politécnico, Bragança; 2019, Medalha de Mérito Cultural, Governo Português; 2021, Homenagem, Nouvelle Sorbonne, Paris; 2022, Doutora *Honoris Causa*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.



**EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (SELECÇÃO)**

- 1974 — M. Alberto Sampaio, Guimarães.  
 1976 — G. Dois, Porto; M. Alberto Sampaio, Guimarães.  
 1978 — *Graça Morais*, F. C. Gulbenkian, Paris.  
 1980 — *O Rosto e os Frutos*, SNBA, Lisboa; Coop. Árvore, Porto.  
 1981 — *Graça Morais*, G. Roma e Pavia, Porto.  
 1983 — *Graça Morais*, G. 111, Lisboa; M. Abade de Baçal, Bragança; C. M. Macedo de Cavaleiros.  
 1984 — *Graça Morais*, M. Nogueira da Silva, Braga; *Mapas e o Espírito da Oliveira*, SNBA, Lisboa e M. Arte Moderna, São Paulo.  
 1985 — *Mapas e o Espírito da Oliveira*, M. Arte Moderna, Rio de Janeiro; Palácio Hospital Real, Granada.  
 1986 — *Graça Morais*, C. Artes Plásticas, Coimbra.  
 1987 — *Pinturas, Desenhos, 1986–87*, M. Abade de Baçal, Bragança; *Evocações e Êxtases*, G. 111, Lisboa.  
 1988 — *L'Artiste du Mois*, F. C. Gulbenkian, Paris.  
 1989 — *Graça Morais*, C. C. Português, Praia e Mindelo, Cabo Verde.  
 1990 — *Graça Morais*, G. 111, Lisboa; Pavilhão do Jardim Lou Lim Loc, Macau.  
 1991 — *Graça Morais*, G. 111, Lisboa e G. Zen, Porto; M. Abade de Baçal, Bragança; M. Teixeira Lopes, Mirandela.  
 1992 — *Exposição Antológica, Prémio Artista do Ano 1991*, SocTip, Lisboa; *Graça Morais*, G. Zen, Porto; *All Around me*, Kimberly G., Washington e Scott Allan G., New York.  
 1993 — *Pintura – Desenho*, C. Estudos Judiciários, Lisboa; *Japão – Diário de Viagem*, G. 111, Lisboa; *10 Anos de Pintura*, Paço Duques de Bragança, Guimarães.  
 1994 — *Biombos*, M. Electricidade, Lisboa; *O Espírito da Oliveira*, M. Alberto Sampaio, Guimarães; *Pintura 1982–92*, Coop. Árvore, Porto.  
 1995 — *Graça Morais na Coleção Paço D’Arcos*, M. Água, Lisboa; *As Escolhidas*, G. 111, Lisboa.  
 1996 — *Antologia 1982–95*, Casa do Corpo Santo; Casa de Bocage e M. Giacometti, Setúbal.  
 1997 — *Memória da Terra/Retrato de Mulher*, Culturgest, Lisboa e MNSR, Porto; *Desenho – Pintura 1982–97*, I. Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo.  
 1998 — *Pintura e Desenho 1982–97*, C. C. Emmerico Nunes, Sines; *Rostos da Terra*, Alfândega de Fé; Mirandela; Vila-Flor; Carrazeda de Ansiães e Macedo Cavaleiros; *Cabo-Verde. O Espírito do Lugar*, M. Alberto Sampaio, Guimarães; *Geografias do Sagrado*, G. 111, Porto; *Caretos*, G. J. Gomes Alves, Guimarães.  
 1999 — *Geografias do Sagrado*, Pallazos Geremia e Trentini, Trento; *Exposição Antológica*, Palácio Foz, Lisboa.  
 2000 — *Terra Quente – O Fim do Milénio*, G. 111, Lisboa.  
 2001 — *Terra Quente – Peinture et Dessin 1999–2001*, C. C. Gulbenkian, Paris; *Les Déesses de la Montagne*, I. Camões, Paris; *Portugal: La Mirada Cercana*, Palacio Merced, Córdoba.  
 2002 — *A Idade da Terra*, G. 111, Lisboa; G. Municipal Lagar de Azeite, Oeiras.

- 2003 — *Pintura e Desenho 1999–2003*, F. Casa Mateus; *A Terra e o Tempo*, M. Arlindo Vicente, Aveiro; *Deusas da Montanha*, Biblioteca Carrazeda de Ansiães e C. C. Vila Flor.  
 2005 — *Visitação*, G. 111, Lisboa; *Os Olhos Azuis do Mar*, C. Artes, Sines.  
 2006 — *Diálogos com a Terra*, G. Rattton, Lisboa; *Retratos e Auto-Retratos*, C. C. Cascais e Teatro M. da Guarda.  
 2007 — *Silêncios*, Biblioteca de Chaves e M. Amadeo Souza-Cardoso, Amarante; *In Sofrimento*, M. M. de Coimbra; *Orpheu e Eurydice*, Paços da Cultura, S. João da Madeira e Casa da Cultura, Trofa.  
 2008 — *Graça Morais na Coleção Paço d’Arcos*, Biblioteca Almeida Garrett, Porto; *Pintura e Desenho*, G. 111, Porto; G. DN, Lisboa e G. JN, Porto; *Desenhos do Mar e da Terra, Lugar do Desenho*, Porto; *Pintura e Desenho 1982–2005*, CACGM, Bragança.  
 2009 — *Sagrado e Profano*, CACGM, Bragança; *A Máscara e o Tempo*, G. Rattton, Lisboa.  
 2010 — *A Procissão*, Bragança; *Graça Morais na Coleção Manuel Brito*, Algés; *Olhar Graça Morais*, São Roque, Lisboa.  
 2011 — *Metamorfoses. Pintura e Desenho 2000/10 e Terra Quente-Terra Fria*, CACGM, Bragança; *A Caminhada do Medo*, Coop. Árvore, Porto.  
 2012 — *A Caminhada do Medo*, Prémio Artes, Casino da Póvoa; *Nós na Arte. Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea; Mapas e o Espírito da Oliveira*, CACGM, Bragança.  
 2013 — *Os Desastres da Guerra*, F. Arpad-Vieira da Silva, Lisboa; *Uma Antologia. Da Terra ao Mar; Cadernos da Montanha, Retratos e Auto-Retratos*, CACGM, Bragança.  
 2014 — *A Magia da Caça*, CACGM, Bragança.  
 2015 — *Ritos e Mitos. Quarenta Anos de Carreira; Cenários e Figurinos*, CACGM, Bragança.  
 2016 — *Graça Morais na Coleção Paço d’Arcos; Ao Encontro de Sophia*, CACGM, Bragança; *O Rosto do Medo*, G. Rattton, Lisboa; *Metamorfoses*, Casa da Cerca, Almada; *Fuga do Caos e do Abismo*, Museu M. Penafiel.  
 2017 — *Ressonâncias: da Voz e dos Ecos*, F. Champalimaud, Lisboa; *Diários sem Ordem; A Coragem e o Medo*, CACGM, Bragança; *La Violence et la Grâce*, F. C. Gulbenkian, Paris.  
 2018 — *Cabo Verde*, CACGM, Bragança.  
 2019 — *Humanidade; Olhos Azuis do Mar*, CACGM, Bragança; *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa, e MNSR, Porto.  
 2021 — *Inquietações*, CACGM, Bragança.  
 2022 — *Mapas da Terra e do Tempo*, M. do Côa, Vila Nova de Foz Côa.

**EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (SELECÇÃO)**

- 1995 — *Imagens da Arte Portuguesa do Século XX*, Coleção M. Brito, Macau; M. de Arte de São Paulo e do Rio de Janeiro; *Artistas Portugueses do Século XX*, Pequim; FAC’95, Paris.  
 1996 — *Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português*, M. of Art, Rhode Island; FAC’96, FORUM 96, G. 111.

1998 — *O que há de Português na Arte Portuguesa do Século XX*, Palácio Foz, Lisboa; *Arte Contemporânea 60/90*, G. 111, Porto e Lisboa; *Figures from a Collection*, Beijing.

1998 — (a 2008) ARCO, G. 111, Madrid.

1999 — *Five Portuguese Painters*, Dublin; *Auto do Nascimento – Carta de Pêro Vaz de Caminha*, P. Belém, Lisboa.

2000 — *Mote e Transfigurações*, SNBA, Lisboa; Alfândega do Porto; *Diez Artistas Portugueses*, Coleção M. Brito, M. de la Ciudad, Madrid.

2001 — *8 Pintoras Portuguesas*, F. Bissaya Barreto, Coimbra.

2002 — *100 Anos, 100 Artistas*, SNBA, Lisboa; *Azulejos – 12 Artistas Portugueses*, Macau.

2003 — *Colecção de Arte CGD*, M. Arte Contemporâneo, Badajoz.

2006 — *Exposição Inaugural*, CAMB, Algés.

2008 — *Olhares no Feminino*, G. 111; M. Bissaya Barreto, Coimbra; *À Volta do Papel*, CAMB, Algés.

2009 — *Anos 90*, CAMB, Algés; *Anos 70 Atravessar Fronteiras*, F. C. G., Lisboa; *Arte Partilhada Millennium BCP*, CACGM, Bragança, Aveiro, Évora e Funchal.

2010 — *Redes sem Mar – Coleção MillenniumBCP*, BEL-Luxemburgo; Paço Duques de Bragança, Guimarães; M. M. Aveiro e MNSR, Porto.

2012 — *Dez Andamentos da Pintura em Portugal*, C.C. de Chaves; *A Arte da Tapeçaria. Tradição e Modernidade*, São Paulo.

2014 — *Animália e Natureza na Coleção do CAM*, F.C. Gulbenkian, Lisboa.

2016 — *Belas-Artes da Academia*, Galeria do Rei D. Luís, Lisboa; *Gente. De A. de Souza-Cardoso a Pedro Paixão. Cem Anos de Representação Humana*, CAMB, Algés.

2017 — *Paisagens na Coleção Manuel de Brito*, Algés.

2018 — *A partir do Surrealismo na Coleção Millennium BCP*, G. Millennium, Lisboa.

2019 — *A Metade do Céu*, F. Arpad-Vieira da Silva, Lisboa; *Arte em São Bento*, Palácio de São Bento, Lisboa.

2021 — *Representações do Povo*, Museu do Neo-Realismo, V.F. de Xira; *A Tribute to Women. Artists in the São Roque Collection*, São Roque, Lisboa; *Tudo o que eu quero – Artistas portuguesas 1900 – 2020*, Temporada Cruzada Portugal-França.

2022 — *XXII Bienal Internacional de Arte*, Vila Nova de Cerveira.

2022 — *Territórios Desconhecidos: a Criatividade das Mulheres na Cerâmica Moderna e Contemporânea Portuguesa (1950–2020)*, M. N. do Azulejo, Lisboa.

2022 — *Mulheres Saramaguianas*, Centenário de José Saramago, exposição itinerante.

## OUTRAS INTERVENÇÕES

2020 — *Aeronave Graça Morais*, Aeroclube de Bragança.

2022 — Pannel de Azulejos, Memorial de homenagem ao Professor Eduardo Lourenço, Ratton Cerâmicas, Almeida.

## BIBLIOGRAFIA (RESUMO)

*Espaço Pictural, Espaço Mental*, E. Álvaro 1976; *Mémoire d'une Réalité qui Fuit*, E. Álvaro 1978; *O Rosto e os Frutos*, F. Azevedo 1980; *Graça, depois do Rosto e os Frutos*, F. Azevedo 1983; *Graça Morais, Mapas e o Espírito da Oliveira*, J. Sommer Ribeiro, B. Musatti, F. Azevedo e F. Morais 1984; *Linhas da Terra*, A. Mega Ferreira; *Monografia 1985; Evocações e Êxtases*, S. Chicó, F. Azevedo e A. Barahona 1987; *Graça Morais, Artista do Ano*, SocTip; *Graça Morais*, S. Chicó e L. Jorge 1991; *Graça Morais*, R. Rosengarten 1992; *As Escolhidas*, M. H. Monteiro 1995; *Antologia*, F. Baptista Pereira 1996; *Cães*, P. Tamen; *Graça Morais*, V. Graça Moura e S. Chicó; *Memória da Terra / Retrato de Mulher*, F. Pernes, F. Azevedo, S. Chicó, R. M. Gonçalves e M. Baldaque 1997; *Rostos da Terra*, F. Pernes, S. Chicó e R. M. Gonçalves; *Painéis de Azulejo Estação de Belourusskaya. Moscovo*, J. Pinharanda 1998; *Terra Quente, O Fim do Milénio*, A. C. Carvalho; *Anjos da Montanha*, J. Moreira e B. Pinto de Almeida 2000; *100 Quadros Portugueses do Séc. XX*, J.A. França; *Deusas da Montanha*, N. Júdice e M. H. Monteiro; *Terra Quente – Peinture et Dessin 1999–2001*, F. Bettencourt e S. Chicó 2021; *A Idade da Terra*, M. Velho da Costa 2002; *A Terra e o Tempo*, F. Pernes e A. Gastão 2003; *Visitação*, M. A. Pina; *Graça Morais, Os Olhos Azuis do Mar*, A. Mega Ferreira; *Uma Geografia da Alma*, vários autores; *Graça Morais, Retratos e Auto-Retratos*, S. Chicó 2005; *A Pintura de Graça Morais como condição do Drama e da Fábula*, C. Tavares 2006; *In Sofrimento*, J. V. Moutinho 2007; *Pinturas e Desenhos 1982 a 2005*, J. Fernandes 2008; *Respiração Suspensa*, M. A. Pina; *A Máscara e o Tempo*, P. Caldeira Cabral 2009; *Retratos com Raízes*, M. Matos 2010; *A Caminhada do Medo*, A. Tabucchi e L. Castro 2011; *Os desastres da Guerra*, M. Bairrão Ruivo, J. M. dos Santos, J. Pinharanda e A. Tabucchi; *Territórios da Memória*, J. Costa 2013; *La Violence et la Grâce*, G. d' Oliveira Martins, H. Freitas, A. M. Gastão, Ed. Lourenço, R. Henriques da Silva, C. Dumas, DH Pageaux 2017; *A grande arte tem a dimensão do mistério*, J. Jorge, E. Ferreira, R. Henriques da Silva e J. Zwingenberger 2018.

## FILMES E DOCUMENTÁRIOS

*As Escolhidas*, M. Gil 1997; *Na Cabeça de uma Mulher está a História de uma Aldeia*, J. Morais 1999; *Terra Quente – O Fim do Milénio*, J. Morais, 2000; *Terra Quente, Terra Fria*, J. Providência 2011; *Graça: Suite Teatral em Três Movimentos*, C. J. Pessoa 2015; *Graça Morais e os Escritores*, L. Alves de Matos 2017. 📌







# — ANJOS E LOBOS

## VISITA A UMA PEQUENA PARTE DA IMENSA OBRA DE GRAÇA MORAIS

SÍLVIA T. CHICÓ

Foi há quarenta e oito anos, no ano em que se dá a revolução de Abril, que Graça Morais expôs pela primeira vez. Desde essa data longínqua que a artista não parou de produzir. A sua obra é imensa, um caso raro, que será visível quando uma parte do seu “Catalogue Raisonné” for apresentado.

Conheci a obra de Graça creio, que em 1978 e desde aí tenho acompanhado o seu labor. Devo dizer que nunca conheci uma artista tão produtiva, tão sem interrupções, alguém para quem fazer arte constitui uma necessidade vital.

Interessa-me agora, já com a perspectiva que uma história de quase cinquenta anos permite, salientar de modo sintético as características da obra desta singular artista, que é actualmente uma grande referência da pintura portuguesa. Tentar imaginar o que no futuro se poderá referir, por exemplo em compêndio de história da arte ou de estudos afins, sublinhar o que de permanente se verifica na obra da autora, o que se anunciava já, desde os seus primeiros passos.

Saliente-se um dado que parecendo de menor importância, explica o rápido desenvolvimento da sua arte e constituiu uma mais-valia determinante para o desenvolvimento da obra da artista: a sua extraordinária capacidade de desenhar.

O desenho foi desde o início o alicerce sobre o qual a sua obra se fundou.

Lembro obras do início da década de oitenta, desenhos sobre papel de grandes dimensões, em que a pintora mostrou insólitas representações de cães, em linguagem quase realista, testemunhos inequívocos da sua grande capacidade de desenhar.

Curiosamente, estava já aí, em génese uma das características da obra da autora: trazer para a pintura uma sensação de espaço cénico, como se as figuras representadas no centro do quadro estivessem no meio de um palco, devidamente enfatizadas, corretamente iluminadas.

Nos primeiros anos da obra de Graça Morais o desenho funcionava como suporte da pintura. Mais recentemente a pintura adquiriu autonomia e outra liberdade pictórica surgiu, apresentando associações cromáticas de grande sabedoria. Ao fim de um caminho longo percorrido, não se distinguem preponderâncias do desenho sobre a pintura e vice-versa.

Apelando ainda à memória, relembro as primeiras obras em que conviviam cenas quase naturalistas inseridas em paisagens idílicas, paisagens da memória da autora que



desde sempre serviram de fundo a muita da pintura. O lado lírico de celebração da natureza estava presente, inserido de forma muito original. As cenas de caça, nelas apresentadas, eram menos dramáticas, seriam quase um relato naturalista. Essas cenas são também génese que mais tarde levaram ao tema maior, que se foi desenvolvendo e estando progressivamente presente na obra de Graça Morais: a caça, a reflexão sobre a vítima, ou a vitimização de tantos seres, sejam eles humanos ou animais. No início da obra era frequente complementar o dramatismo com algum lirismo. Apesar de os tons da violência e do drama se irem acentuando, esta dualidade existiu sempre.

Lobos ou demónios, mas também anjos se apresentam, talvez apontando alguma esperança apesar das tragédias que se vivem nos dias de hoje, que são clara fonte de inspiração da obra actual de Graça Morais.

Cedo a obra de Graça procede a uma associação de imagens de uma profunda originalidade e que distinguem a sua arte. Decorrente ou não do Surrealismo e de uma certa procura de associações improváveis, a arte de Graça Morais, recebe e integra esse legado. Paralelamente, ou em consequência desse clima a que uma visão surreal não é alheia, a artista inicia um processo de extrema importância na sua obra: a metamorfose. Diverte-se metamorfoseando, associando aparências, características, em que homens e bichos não se distinguem: transformam-se uns nos outros. A figura do homem-animal selvagem que ataca as suas vítimas surge, criando um elemento fundamental para o larguíssimo discurso sobre a vitimização, presente ao longo da extensa obra de Graça Morais. É desde cedo um relato sobre a violência, sobretudo e metaforicamente, sobre as mulheres.

Menos dramáticas, líricas e lúdicas são as metamorfoses de frutos e legumes, que manifestam o prazer de um olhar



que nunca deixou de se inspirar na natureza e no gosto quase *picasseano* de transformar formas e funções.

Outro tema de importância capital desde cedo presente na obra de Graça Morais é a mulher. Graça passou a vida a homenagear a mulher, figura anónima de um meio rural, a mulher sobre quem caem as responsabilidades maiores da família, por vezes mesmo, o sustento da casa. Mulher matriarca, mas também vítima de um sistema que a não a reconhece nem emancipa. Mulheres que apanham tarefas dos seus homens quando lhes nascem raparigas e não os desejados rapazes, consideradas culpadas pelo sexo das crianças.



Graça Morais, Fundação  
Champalimaud, 2017 (exposição  
*Ressonâncias: Da Voz e dos Ecos*).  
Fotografia de Rui Ochôa

Graça assume que sua mãe foi a sua musa, a artista homenageou-a vezes sem conta. Tal como homenageou as mulheres simples da Aldeia, as suas Marias, mulheres esquecidas no mundo, de olhar triste e sofrido, fonte contínua de inspiração da autora.

É natural que a obra de Graça engendre vários discursos decorrentes de uma visão dos elementos reconhecíveis da sua obra, que esta suscite narrativas sobre os temas que acabei de referir. No entanto, neste momento excepcional da obra da artista, chamo a atenção para o discurso pictórico em si, que ultrapassa necessidades semânticas na construção de qualquer

narrativa. A liberdade da pintura é total, convida a contemplar a obra numa perspectiva puramente pictórica, como se a pintura se tivesse libertado da sua função de representar e fosse só pintura em toda a sua força expressiva.

Obras da maturidade, obras excepcionais, são aqui presentes numa escolha que só poderemos classificar como excelente.

Em resumo e tentando apontar para uma caracterização futura da obra de Graça Morais, destacamos os seguintes aspectos:

- Metamorfozes;
- Associações quase surrealistas;
- Oscilação entre o dramático e o maravilhoso;
- Invocação da paisagem;
- Vida da aldeia sempre invocada;
- Mãe como paradigma;
- Relatos da violência e do sofrimento como fonte de inspiração;
- Os dramas da humanidade como motivação;
- A compensação lírica e lúdica, “vegetais inocentes” e outras metamorfozes;
- A tela como cenário da arte total;
- A natureza como cenário, a paisagem como conforto;
- O grande prazer da pintura ou o gesto inadiável. ➤

*Setembro de 2022*







# — O TEMPO DE GRAÇA MORAIS

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

Cada artista põe no que faz a sua ideia de tempo. Isso dá-lhe uma diferença, que é uma distância a outros que têm outra ideia de tempo. Aquilo que, para ele, o tempo é dá-lhe a medida com que se pode medir e com que o podemos medir. A uns, dá-lhes um céu cheio de sóis e de luas, de cometas rasantes e de estrelas cadentes, de deuses e da ausência deles - e os anos-luz são a sua medida. A outros, dá-lhes um relógio de pulso para não perderem o comboio que passa na estação ou para ficarem à espera do amor que chega atrasado — e essa é a medida com que medem os minutos que passam.

Na poesia de Camilo Pessanha, há um tempo que é leve e fatigado, assim é a sombra, e se detém para depois se mover em anéis como os de Saturno ou o da serpente que morde a sua cauda fria. Nos poemas de Cesário Verde, esse camponês perdido na cidade, o tempo faz-se dia para trazer até si a noite, negra como a nódoa no pano, ou os trajes do clero, ou as olheiras das virgens ansiosas; e o tempo faz-se noite para que, do dia, exista nela uma luz em ruínas, que ainda deixa ver o que existe e o que falta.

Em Fernando Pessoa e na sua constelação de heterónimos, estão os tempos todos e todos olham uns para os outros para se medir e desmedir. Em Álvaro de Campos, o tempo tem

a faísca feroz e fulminante da vida vertiginosa, veloz e eléctrica. De Alberto Caeiro, é o tempo cíclico da Natureza e há nisso uma espécie de alucinação ao contrário. Ricardo Reis é aquele que se enganou de época para viver. Tem em si duas perseguições: a que ele faz ao tempo passado e a que o tempo presente lhe faz a ele. De Fernando Pessoa dito ortónimo, o tempo é o que vem da morte para a vida — é um tempo metafísico que ameaça o corpo e tenta raptar-lhe a alma para a salvar e para a perder. Em Bernardo Soares e no Livro do Desassossego, o tempo é o meio com o qual naufragamos o navio, falhamos os sonhos e faltamos à vida.

Na pintura de Giovanni Bellini, o tempo dilata-se na horizontal e é um vasto céu azul atravessado pelo branco inquieto das nuvens. Nos quadros de Mantegna é vertical, denso e ascendente, como uma torre que cresce para o alto. Em Picasso, é intenso e descontínuo: forma, figura e fuga, tem pressa e faz-se de saltos e de sobressaltos. Em Matisse, o tempo procura a sua felicidade e a sua cor. Em Otto Dix, é uma lente que diminui e agiganta o que vê. Na pintura de Hopper, suspende-se com o gesto que se faz ao acabar uma pergunta a que ninguém vai responder. Nas obras de Andy Warhol, é uma repetição que se repete e se rouba a si mesma. Nas esculturas



e nos desenhos de Alberto Giacometti, o tempo arrasta-se como um velho que já não consegue andar com a firmeza e a força de outros tempos.

Em Bach, o tempo corre para o seu início e encontra nele a força incessável que há em tudo o que começa: explode na sua grandiosa música um Big Bang imparável. Em Mozart, é feito de graça e de gravidade, salta com a vida para saltar sobre a vida, brinca com a vida para fugir à morte e olha a morte para ver a vida. O tempo de Beethoven ora é altivo e altíssimo, colossal e colérico, como as ondas do mar enfurecido e acrescentado pela tempestade, ora é ínfimo, íntimo, interior, ténue, tímido e murmurado, como uma prece, um pedido, uma confissão, uma confiança, um segredo, um lamento ou uma frase frágil de amor. O tempo de Gustav Mahler é atmosférico e sideral — passam por ele a chuva e o sol que a apaga, o relâmpago e o trovão que o confirma, a noite e o dia que a empurra para longe, a terra e o mar que a submerge.

De tempo, com o tempo, contra o tempo e fora do tempo, a arte se faz e se desfaz a pensar nesse sem tempo a que se chama eternidade. De todas as artes, podemos dizer aquilo que Eduardo Lourenço disse da arte da poesia:

*O que nem Filosofia nem Ciência nos concedem, um só verso, um daqueles que Mallarmé dizia “interminavelmete belo” no-lo oferece, porque nele regressamos e nele somos o Tempo que em tudo o mais esquecemos, mas que jamais nos esquece. Este é o mistério, o lúcido e inexpugnável mistério da Poesia: o Tempo — nós como Tempo — tornado sensível, audível, dizível e através dessa aparição nos oferecendo a desesperada e alta eternidade, a familiar “luz perpétua” que nós próprios fabricamos ardendo e vendo-nos arder como árvores vivas no fogo temporal.*

Na pintura e nos desenhos de Graça Morais, o tempo é muitas vezes duro, ardente e árduo e tem uma voz rude, resis-

tente e rouca. E outras tantas vezes é lento, de uma lentidão funda e dolorida, mas não é estagnado ou apático: está aberto ao acontecer — ao aparecer — dos seres e das coisas. É um tempo que tem vagar, mas que volta e meia se exaspera e tem pressa. É solar e lunar. Tem vazios e escavações, mas também saturações e sobrecargas. Há nele tectos falsos e terrenos com desvãos, mas também céus sem limites e solos sem fracturas. É atento ao seu correr no rio de Heraclito. É um tempo que ora se exalta ora se abisma.

Em Graça Morais, o passado e o futuro encontram o presente nesse quarto tempo de Heidegger que reúne os três num outro tempo, que está para além do tempo de cada um deles. Também os surrealistas olhavam assim o tempo. No túmulo de André Breton, está escrito: *“Je cherche l’or du temps”*. (“Procuro o ouro do tempo”). Mário Cesariny afirmou: *“Nós somos todas as épocas”*. E acrescentou: *“Julgo que todos os tempos estão presentes em variadíssimas partes do mundo.”*, António Maria Lisboa escreveu: *“O Futuro é tão antigo como o Passado. E ao caminharmos para o Futuro é o Passado que conquistamos!”* Também T. S. Eliot disse, num dizer que chega até nós: *“O tempo presente e o tempo passado / Estão ambos talvez presentes no tempo futuro / E o tempo futuro contido no tempo passado”*.

Feito de vários tempos, o tempo de Graça Morais é previsível e imprevisível, sagrado e profano, sacral e sacrílego, cristão e pagão, ético e herético, soberano e submisso. Nele, cabem as estações do ano e a sua sucessão contínua e confusa, a energia feroz dos nascimentos, as vozes vencidas das velhas vítimas, os cabelos das mulheres tão espessos e antigos como um rito, a luz decapitada nos homens, os fantasmas famintos de vida, o delírio desfeito das máscaras e das aparências, a germinação oculta da terra.

Cabem nele o vento veemente das tempestades, o vitorioso verde vegetal das folhas vivas, a pele rugosa e áspera das batatas, o salto súbito e astuto dos gafanhotos, o oleoso brilho negro das azeitonas, o cio ácido dos animais, a crueldade lutuosa dos fins, a matança dos inocentes, o homem a ser lobo do homem, a desumana guerra humana. É o tempo da sementeira e da colheita, dos frutos e das flores, dos dois crepúsculos. É o tempo da acção e da contemplação, da mudança e da permanência, da lamentação e da litania, da abundância e da escassez, da humidade e da aridez.

Nesse tempo, está a memória ancestral e subterrânea e está a mnemónica de uma esperança que fulmina e move. É o tempo do vivido e do não-vivido (de que tanto falou Sophia de Mello Breyner Andresen). É o tempo do maravilhoso pagão e do tenebroso (de trevas) cristão. É o tempo do Eclesiastes (*“Há tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou, tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras, tempo de rasgar e tempo de coser”*), mas também do Génesis (*“No princípio, Deus disse: Faça-se luz! E a luz foi feita.”*) e do Apocalipse (*“E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.”*).

Na obra da Graça Morais, os quatro elementos — Terra, Água, Ar e Fogo — que, para Empédocles e Aristóteles, constituem o universo disputam os seus tempos e a aparição deles. Mas esta obra encontra na Terra o seu lugar mais firme, forte, figurado e fixo. Por ela, passa o vulto imponente do gigante Anteu, filho de Gaia (a Mãe-Terra, deusa da proximidade) e de Posídon (o deus do mar e pai da distância). Potente e possante quando estava em contacto com a Terra-Mãe, Anteu ficava debilitado e diminuído se os seus pés dela se afastavam. Em Graça Morais, a presença poderosa e permanente, forte e

genesíaca da Terra e da Mãe, da Terra-Mãe e da Mãe-Terra, concede-lhe um simbolismo onde várias mitologias (a grega e a berbere, por exemplo) se encontram.

No seu livro *“La Terre et les rêveries de la volonté”* (*“A Terra e os Devaneios da Vontade”*), o filósofo Gaston Bachelard, que se unia à terra numa respiração boca a boca e dava aos seus frutos a aura de uma epifania, fala da oposição entre o duro e o mole e do confronto entre a resistência rígida do mundo e a energia elástica da imaginação. Trata ainda da acção da vontade incisiva e agressiva sobre a obstinação pertinaz e relutante da matéria. Fala (ou convida-nos a falar por ele) do antagonismo entre a opacidade ontológica dos objectos e a fluidez das imagens em devir. Tal como o artista, o ferreiro é aquele que sabe mudar o estado ou até a natureza das coisas, passando do duro ao mole e do mole ao duro. Tal como o ferreiro, o artista é aquele que, num caminho que se pode também fazer ao contrário, sabe transformar o frágil em forte, o frio em quente, o fixo em móvel, o masculino em feminino, a identidade em alteridade, a unidade em pluralidade.

Olhamos a obra de Graça Morais e observamos estas mudanças e estas metamorfoses, estes confrontos e estas oposições. Vemos que passa do ser ao devir e do inconstante ao estável, do minúsculo ao maiúsculo e do grande ao pequeno. Vemos, para que isso possa acontecer, que a pintora tem todos os sentidos, interiores e exteriores, em estado de alerta, às vezes mesmo de alarme. Esse estado de escuta fê-la ouvir o conselho dado por Rainer Maria Rilke numa das *“Cartas a um Jovem Poeta”*:

*Se se ativer à natureza, àquilo que nela é simples, àquilo que é pequeno, que quase ninguém vê, e que tão inesperadamente pode tornar-se grande e incomensurável; se tiver este amor ao que é ínfimo e, de modo inteiramente singelo, como um servidor, procu-*



*rar ganhar a confiança daquilo que parece pobre: então tudo se lhe tornará mais fácil, mais uno e, de algum modo, mais apaziguador, talvez não no plano do entendimento, que recua, surpreso, mas no mais íntimo da sua consciência, do seu estar desperto, do seu saber.*

Esta nova exposição responde a um novo convite de Mário Roque e corresponde à incansável atenção e solícito cuidado deste antiquário-galerista-médico a tudo aquilo a que vale a pena dar atenção e cuidado. Na medicina, aprendeu a ser curador (aquele que cura, que cuida) da vida e na arte dedica-se, com uma elegância persistente, convicta, segura e paciente, que às vezes se torna impaciente, ao que pode fazer a vida ascender à altura de onde a podemos ver com outros sentidos nos sentidos.

O título desta exposição não desconhece o pensamento de Santo Agostinho: *“Medius homo est inferior angelis, superior pecoribus”* (“O homem está no meio, inferior aos anjos e superior aos animais”). Não ignora também a fidelidade de Pascal a esse pensamento de Agostinho de Hipona, ao dizer: *“L’homme n’est ni ange ni bête, et le malheur veut que qui veut faire l’ange fait la bête”* (“O homem não é anjo nem besta, mas a infelicidade quer que quem quer fazer de anjo faça de besta”).

Em “Anjos e Lobos”, apresentam-se obras de vários períodos e diversos ciclos da artista. Esta breve antologia (com tantas obras criadas as antologias são sempre breves) dá-nos a reconhecer, ou a conhecer, em perspectiva e em retrospectiva, dados fundamentais de uma obra que é humana e, por isso, olha o sobre-humano e o sub-humano. E é animal e vegetal, terrestre e celeste, natural e sobrenatural, vasta e violenta, vertebral e visceral, local e universal.

Das várias faces da terra aos vários rostos dos que a habitam, dos vários rostos do mundo às várias faces dos que nele sofrem, esta obra põe a questão principal da relação da

estética e da ética (para Wittgenstein são uma coisa só), embora a sua autora saiba que os bons sentimentos não chegam (às vezes até sobram) para fazer boa arte. Mas com boa arte pode dar-se aos bons sentimentos, como a compaixão ou a revolta, uma força, uma firmeza e uma influência que alerta e alarga a consciência, tornando-a mais aguda a avaliar e mais ágil a agir.

É assim que a obra de Graça Morais é uma obra dramática, que dá às figuras humanas, que nas suas pinturas e desenhos são *“dramatis personae”*, a companhia das grandes figuras do Medo, da Fuga, da Guerra, da Desgraça, da Humilhação, da Injustiça, do Sofrimento e da Salvação. Há, entre elas, heróis sem nome, mártires sem rosto, mães sem filhos, actos sem tremor, gestos sem temor, forças sem medida, resistências sem decepção, coragens sem intervalo. É também, por isso, que, nesta obra, alastra, com a insistência repetida de uma superstição, um lirismo trágico.

Esta exposição é atravessada pelos tempos de cada obra e pela ideia de tempo que nela está. Esses tempos formam uma teia de aranha invisível que vai prendendo a mosca móvel do nosso olhar. As pinturas e os desenhos que aqui se juntam, até perfazerem o número 72, vêm de diferentes épocas, mostram-se em diversos formatos, escolhem vários suportes e utilizam variadas técnicas e materiais.

Das telas aos papéis e dos cartões às lonas, dos carvões às sépias e dos acrílicos aos óleos, das gomas lacas aos pastéis e das colagens às tintas da china, as cores (algumas delas vêm cheias de vida, vitalidade e vibração do Renascimento) dão notícias do que fazem ver e trazem consigo a história extraordinária e oscilante do desenho e da pintura. As formas têm o expressionismo do encontro (primordial, primacial, procriador) da artista com o seu tempo e do tempo da artista com todos os tempos do tempo. É nesse momento vital, capital, crucial,

que cronos, o tempo linear, mecânico e contínuo, se troca por *kairos*, o tempo mágico, oportuno e descontínuo.

Começando logo no princípio e continuando ao longo das décadas da sua biografia artística, Graça Morais recebeu aprovação, reconhecimento e aplauso. Mas também foi submetida a duras provas de desconfiança, denegação e diferimento, provindas dos porta-vozes dos vários cânones que quiseram trazer para a arte um determinismo já posto em causa na história, na política e na ideologia. A tudo isso ela respondeu com a proliferação do seu trabalho, a persistência da sua pesquisa, a veracidade da sua demanda, a firmeza do seu rumo, a soberania da sua convicção, a urgência da sua denúncia e a força do seu talento. Graça Morais cumpriu, afinal, a recomendação que o escultor Auguste Rodin deu, em resposta à pergunta que um dia lhe fez Rilke sobre como devia um artista viver: “*Il faut travailler, rien que travailler. E il faut avoir patience.*” (“É preciso trabalhar, apenas trabalhar. E é preciso ter paciência”).

O artista e a arte são o lobo um do outro. Amamentam-se e alimentam-se um ao outro e um do outro. Despedaçam-se e devoram-se mutuamente. Amam-se e odeiam-se reciprocamente. Constroem-se e destroem-se com os seus corpos. Falam uma língua própria e têm palavras de passe e códigos de sociedade secreta ou de associação de malfeitores. Há entre eles um pacto de sangue. A vida e a morte correm de um para o outro. Essa é uma vitalidade cheia de veneno — de *pathos*. Sem essa vitalidade, sem esse veneno e sem esse *pathos*, a arte e o artista enfraquecem-se um ao outro, esgotam-se um no outro, negam-se e desmentem-se em fatal e funesta retribuição.

O artista e a arte são também o anjo um do outro. Viajam e voam juntos entre o céu e a terra, guardam-se um ao outro, são mensageiros mútuos de anúncios e apocalipses, velam pelas chegadas, passagens e partidas, protegem

os poderes e os tronos que detêm, têm ordens e hierarquias e às vezes rebelam-se (a arte quer ser mais do que o artista e o artista quer ser mais do que a arte) e são anjos caídos transformados em demónios, um dos quais de nome Lúcifer, aquele que traz a luz.

Cada artista dá ao que faz a sua ideia de tempo e põe nisso uma verdade que é uma vontade. O tempo é, na obra de Graça Morais, o tempo dos rostos que passam da angústia à serenidade, dos corpos que saltam do movimento para o repouso, das coisas que saem do esquecimento para a lembrança, dos seres que correm da vida para a morte. E este caminho de ida pode ser também um caminho de volta. Ao longo dos anos em que a sua obra se foi firmando, essa ideia de tempo não se escondeu nem se desviou de uma ideia de mundo. Enfrentaram-se e afrontaram-se cara a cara, corpo a corpo, braço a braço.

Citar é dizermos, melhor do que o diríamos, o que queremos dizer. Num famoso texto sobre o grande escritor Hermann Broch, um outro grande escritor, Elias Canetti, fala da vontade e dos atributos necessários para uma criação artística que não use abusivamente as palavras que lhe dão nome e prestígio: a autenticidade da originalidade, o dom de apreender e resumir a sua época, a coragem nobre de se opor a ela.

Na obra de Graça Morais, há esta vontade. E existe também a resistência que dura e faz durar. Como disse Nietzsche, o que não me mata, fortalece-me. Por isso, este é, mais do que foi antes, um tempo seu e o seu tempo. É o tempo de Graça Morais. ✍

Setembro de 2022







# — OS MISTÉRIOS DE GRAÇA MORAIS

JOANA BAIÃO

## I. NA ARCA DOS TESOUROS

*O meu ateliê é o lugar onde eu sou mais verdadeira comigo mesma, onde o espaço e o tempo estão certos.* (Graça Morais, 2018, p. 136)

Entrar num ateliê de um artista tem algo de sacral e de invasivo. Espaços providos de uma “inerente qualidade de certo mistério e solenidade”<sup>1</sup>, e diferentes de um artista para o outro, os ateliês são quase sempre espaços íntimos, locais de deliberado recolhimento que raras vezes se abrem a elementos externos (amigos, galeristas, compradores, investigadores) — e, nesses casos, quase sempre fora do momento da criação.

Embora ao longo do século XX a noção de ateliê como espaço sagrado de criação tenha vindo a ser questionada ou mesmo contestada — acompanhando assim a multiplicidade

de propostas formais e conceptuais da própria produção artística contemporânea e os debates que colocam em questão a aura do objeto artístico e do seu criador —, esta conceção continua a ser válida, sendo genericamente reconhecido o papel destes espaços na *praxis* e na construção intelectual, crítica, reflexiva e comunicativa do artista. Neste sentido, tal como o museu, a biblioteca ou o arquivo, podemos incluir o ateliê no grupo dos locais heterotópicos referenciados por Michel Foucault — ou seja, o ateliê como um lugar que é muitos lugares (em oposição à utopia, “lugar sem lugar algum”) e que “tem o poder de justapor num só espaço real vários espaços, vários sítios [e, ousaria acrescentar, vários tempos] que por si só seriam incompatíveis”<sup>2</sup>.

Para Graça Morais, o ateliê é um espaço de abrigo necessário não tanto para se isolar do mundo, mas para o assimilar

<sup>1</sup>AMADO, Guy. “O atelier musealizado: três casos de estudo [Brancusi, Schwitters, Bruscky]”. *Processos de Musealização. Um Seminário de Investigação Internacional. Atas do Seminário*, eds. Alice Semedo, Sandra Senra e Tereza Azevedo. Porto: Universidade do Porto, 2015, p. 409.

<sup>2</sup>FOUCAULT, Michel Foucault. *Des espaces autres*. Conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales em 14 de março de 1967, publicada originalmente em *Architecture, Mouvement, Continuité*, n.º 5, outubro de 1984, pp. 46–49. Consulte versão em português traduzida por Pedro Moura, disponível em [www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html) (acedido em 10-03-2022).



e recriar. É no ateliê que a artista pinta e desenha, e é também neste lugar que a pintora se dedica à leitura de jornais e de livros (sobre arte e outros artistas, sobre filosofia), abrindo-se à reflexão sobre a sua vida, o seu trabalho, sobre tudo o que a rodeia. No seu isolamento, nesse lugar que é muitos lugares e “onde o espaço e o tempo estão certos”<sup>3</sup>, a pintora conecta-se, quase num sentido religioso (no sentido etimológico do termo: *religare*) com o mundo e com os seres que o habitam.

A qualidade heterotópica do ateliê é reforçada quando este se cruza diretamente com os espaços da vida quotidiana (dita “normal”) do artista (o ateliê-casa), e quando — não raro — constitui um espaço de acumulação não só de acervo artístico, mas também de outros elementos materiais relacionados com a sua produção e percurso pessoal e profissional (objetos, livros, documentos). Neste caso, para além de espaço de criação, o ateliê como que expande a sua função para a de repositório ou arquivo que, investido de uma aura simbólica (arte) e associado a um ritual (a criação), pode ser entendido como um “lugar de memória”, nos termos propostos por Pierre Nora<sup>4</sup>.

Os ateliês de Graça Morais também são estes “lugares de memória”, como comprovam as infindáveis estantes, gavetas, pastas, dossiês e caixas onde são guardadas pinturas, desenhos, fotografias, recortes de jornais, cartas, documentos que contam a história de uma vida e de uma arte. Nos últimos três anos, estimulada pelo envolvimento nas tarefas de catalogação sistemática e documentação da sua obra que estão a ser empreendidas no âmbito do Laboratório de Artes na Montanha — Graça Morais<sup>5</sup>, a pintora tem vindo a mexer em obras há muito guardadas, a abrir caixas e gavetas que normalmente estão fechadas, reativando memórias sobre o seu passado, suscitando reflexão sobre o seu futuro. Foi justamente desta imersão nos seus ateliês, verdadeiras arcas do tesouro, que vieram muitos dos desenhos e pinturas — vários deles inéditos, outros há muito tempo guardados — que integram

esta exposição, testemunhos primeiros de um processo de (re)descoberta e revisitação que tem surpreendido e emocionado a artista. E foi também diretamente do seu ateliê, que é sempre espaço de criação, que nos chegam as suas obras mais recentes, frutos de uma visão inquieta, dos questionamentos críticos e da intensa sensibilidade de Graça Morais face ao que a rodeia, e que a pintora quer agora partilhar, uma vez mais, com todos nós.

## II. DA ARTE DE GRAÇA MORAIS

*Toda a grande arte tem nela a dimensão do mistério e do sagrado.*  
(Graça Morais, 2018, p. 137)

Perante o desafio de escrever sobre o conjunto de obras agora exposto, revejo-me nas indagações de Laura Castro no seu notável ensaio sobre a pintora: “Começar por onde, se na obra de Graça Morais o princípio, o fim e todos os caminhos se encontram intrincados? Começar por onde se em cada pormenor ou no todo da sua produção, se divisam relações orgânicas difíceis de destrinçar?”<sup>6</sup>

Procurarei algumas respostas conciliando um enfoque biográfico-cronológico — pertinente face ao extenso período coberto, do final da década de 1970 à atualidade — com uma abordagem genérica a alguns temas da produção pictórica de Graça Morais. De facto, cada obra apresentada remete-nos para tempos diversos do seu percurso, correspondentes a etapas de fundação e consolidação de uma linguagem pictural própria que nunca se submeteu a fórmulas formais ou conceptuais, antes propondo constantes renovações.

Graça Morais cedo estabeleceu como motivo axial o seu território de origem — Trás-os-Montes, e mais especificamente, a pequena aldeia do Vieiro —, e todo o seu trabalho revela bem como a definição da sua identidade plástica se

<sup>3</sup> MORAIS, Graça [entrevistada por José Jorge Letria] in *Graça Morais: A grande arte tem a dimensão do mistério*. Lisboa: Guerra e Paz, 2018, p. 136.

<sup>4</sup> NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. *Projeto História*, n.º 10 (1993), p. 21. Tradução de Yara Aun Khoury do texto original *Les lieux de mémoire* (1984).

<sup>5</sup> V. BAIÃO, Joana e MEIRELES, António. “Laboratório de Artes na Montanha — Graça Morais: um projeto em construção”. *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares* [Online], n.º 12 (2020). DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.2478>.

<sup>6</sup> CASTRO, Laura Castro. “Graça Morais, ordem e desordem no mundo”. *Graça Morais. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011*. Porto: Árvore, Cooperativa de Actividades Artísticas CRL; Póvoa de Varzim: Casino da Póvoa, 2011, p. 19.

fez a partir de referências e memórias pessoais da infância e juventude transmontanias. Por outro lado, e como se poderá aferir no conjunto de trabalhos apresentados, há na obra de Graça Morais um sentido universal que transcende estas referências matriciais e locais, relacionado com as suas ancoragens à história da pintura, com os estímulos que recebe de acontecimentos contemporâneos mais globais, e com as suas motivações e indagações mais íntimas.

Pintado em Paris, num período em que, recorda a pintora, “eu comia a cultura francesa, mas vivia cá [em Trás-os-Montes]”<sup>7</sup>, *Sem título* (1978 – 1979) introduz elementos relacionados com a caça. Tema a que regressa regularmente, como testemunham os desenhos de perdizes e coelhos feitos em momentos diversos, a caça começou por interessar Graça Morais enquanto atividade de sobrevivência e testemunho da relação de respeito e interdependência entre o homem e a natureza, basilar na vida da sua aldeia. Mais tarde, esta temática passou a ser explorada como metáfora de agressão e violência (física e psicológica), referenciando e denunciando histórias que lhe são próximas — por exemplo, o brutalismo machista e os episódios de violência doméstica e sexual que a pintora testemunhava nas aldeias transmontanias —, ou remetendo para contextos mais amplos, como a guerra e as suas consequências. O tema da guerra enquanto caça, ou seja, abordado na perspectiva dos desequilíbrios da relação presa-caçador, encontra-se magistralmente trabalhado nas séries *A caminhada do medo* (2011) e *As sombras do medo* (2012), que abriram linhas de pesquisa e de reflexão que Graça Morais tem vindo a explorar sistematicamente até aos dias de hoje.

Foi ainda numa fase inicial de carreira que a pintora anunciou aquele que seria um dos elementos estruturantes da sua poética: o recurso à metamorfose como vocabulário pictural e como reforço da intensidade sensorial das suas representações e narrativas visuais. Em *Trás-os-Montes* (1986) é ainda humano o rosto que nos encara, fundindo-se com a forma de um berrão (estátua zoomórfica proto-histórica tallada em pedra) que, conta a pintora, foi descoberto numa

propriedade da família, e que encontramos representado noutra pintura do mesmo ano. Noutras obras, os rostos e corpos humanos irão confundir-se com animais ou com o que deles resta, em processos de associações insólitas que envolvem simultaneamente observação, criação, memória, transformação, deformação. Surgem assim os homens com cabeça de carneiro, evocando as máscaras que remetem para a tradição dos caretos cornudos, demoníacos; ou as sibilas, “Mulheres-Animais que representam um bestiário cheio de mistério”<sup>8</sup>.

Relata Graça Morais: “Por vezes olho para as pessoas e vejo bichos, sobretudo em lugares onde a minha memória activa o que vai vendo.”<sup>9</sup> As pessoas são aquelas com que a pintora se cruza direta ou indiretamente — as mulheres e os homens da sua aldeia, as gentes com que se cruza nas suas viagens, as figuras que surgem na imprensa; os bichos são os que habitam o seu território matricial, elementos de um bestiário pessoal em que encontramos conotações profundamente simbólicas: a perdiz, ave vulnerável que, apesar do poder de se camuflar nos campos, é alvo da predação do homem e de outros animais; o carneiro, animal sacrificial nos rituais pascais de celebração da vida e da morte, da ressurreição e da esperança; o gafanhoto, inseto das pragas e da devastação mas, também, símbolo de resistência.

É justamente o poder de resiliência — a capacidade de enfrentar e superar adversidades — que Graça Morais identifica desde logo nas gentes da sua terra, a que regressa constantemente. Da atenta observação das vivências no Vieiro, marcadas por uma relação de interdependência com a natureza e pelo ritmo dos ciclos rurais, resultam obras em que representa atividades sazonais como a apanha da azeitona ou as sementeiras (*O Semeador*, 2014; *O Olival*, 2014); em que referencia os rituais e crenças locais, misto de crenças pagãs com uma profunda fé católica; ou em que capta os rostos, os gestos, as pulsões das mulheres e homens cuja vida é marcada por um vínculo umbilical à terra (*Natureza Viva* e *Jorge II*, 1996). Esta ligação telúrica encontra-se poeticamente referenciada na série de desenhos inspirados nas vénus pré-históricas (*Sem*

<sup>7</sup> PACHECO, F. A. “Graça Morais: a memória do Nordeste”. *O Jornal*, 22 de fevereiro de 1980, p. 38.

<sup>8</sup> MORAIS, Graça. (Sem título, relato da artista). Folha de sala da exposição *Inquietações*. Texto policopiado. Centro de Arte Contemporânea Graça Morais. Bragança, 2021.

<sup>9</sup> Apud MATOS, Miguel. “Retrato com raízes”. *Graça Morais no CAMB*. Oeiras: Centro de Arte Manuel de Brito e Câmara Municipal de Oeiras, 2010, p. 10.



*título*, 2007), marcados pela configuração dos férteis corpos femininos através de manchas e de pinceladas precisas, e em que por vezes se contrapõem, em delicados mas firmes traços, fragmentos de rostos e corpos de mulheres do Vieiro. Em alguns destes desenhos, como noutros trabalhos desenvolvidos em diferentes fases da sua carreira, podemos adivinhar o rosto de sua mãe, confundindo-se com o seu. Noutras obras, Graça Morais retrata insistentemente as faces daquelas camponesas anciãs que “guardam na cabeça as histórias de uma aldeia, as histórias do mundo”<sup>10</sup>. No fundo, a pintora identifica-se com cada uma daquelas mulheres, talvez porque também ela é uma “escolhida”, guardiã e perpetuadora, através da sua arte, das memórias, tradições e costumes da sua terra. Como tão bem observou Silvia Chicó, Graça Morais retrata a “a identidade de uma sociedade rural que a pintora vê em perigo, a extinguir-se rapidamente, sociedade relacionada com as suas vivências mais profundas, memórias e preocupações de carácter político e ambiental”<sup>11</sup>.

Importa ainda realçar que a pintora recusa qualquer visão pitoresca ou idealizada do mundo rural ou da vida de aldeia, mesmo quando reporta para memórias pessoais de uma infância feliz, evocadas por exemplo em *O açucareiro da Avó Marquinhas* (2008). Pelo contrário, o seu foco é sempre as pessoas, as suas relações com o meio em que vivem e as suas relações entre si. No seu universo local, Graça Morais encontra matéria de reflexão sobre o ser humano e a sua condição no

mundo, lançando questões que serão aprofundadas ao abordar explicitamente alguns dos maiores dramas contemporâneos: as guerras, os conflitos territoriais, étnicos, religiosos, políticos, a movimentação de refugiados e migrantes.

Trabalhando a partir de imagens retiradas da imprensa (fonte privilegiada das suas pesquisas visuais nos últimos anos) ou apropriando-se de motivos referenciais da história da arte — não posso deixar de assinalar os notáveis desenhos feitos a partir do trabalho de Miguel Ângelo nas paredes da Capela Sistina, entre os quais os pastéis da série *Sem título* (2021) —, Graça Morais apresenta-nos composições em que retrata figuras isoladas, algumas em metamorfose, que nos confrontam na sua inquieta desolação (*Migrante I, II, III e IV*, 2018; *O pensador*, 2018); ou em que surgem grupos de pessoas anónimas cujo desespero se reflete no amontoamento e na compulsão de andar, de fugir, apesar dos perigos do mar ou do deserto, e da ameaça da própria morte (*O Anjo cansado*, 2018; *Refugiados*, 2019; *Sem título*, 2020). Nestes trabalhos é retomado metaforicamente o tema da caça, ainda que de um modo (aparentemente) menos explícito: é a própria pintora que nos fala “[d]estes seres humanos que são caçados e tratados de uma forma infame nas fronteiras, onde há cada vez mais muros com aqueles arames farpados horríveis (...). Estes seres humanos que estão a ser caçados, quando os metem naqueles centros de detenção, é o mais desumano que aquelas crianças podem viver.”<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Graça Morais, relato no documentário *Na Cabeça de uma Mulher está a História de uma Aldeia*, realizado por Joana Morais, 2000, URL: [https://www.youtube.com/watch?v=Euq\\_xtwG6V8](https://www.youtube.com/watch?v=Euq_xtwG6V8).

<sup>11</sup> CHICÓ, Silvia (2003). “Graça Morais”. *Graça Morais. Uma Geografia da Alma*. Lisboa: Bial, 2005, p. 87.

<sup>12</sup> MORAIS, Graça (entrevistada por Valdemar Cruz). “Sinto sempre que me salvo através da pintura”. *Expresso – Revista E*, 4 de março de 2022, p. 49.

As obras de 2018–2019 são caracterizadas pelo hibridismo das figuras meio humanas-meio insetos, em ações isoladas ou coletivas dramaticamente salientadas pela prevalência do monocromatismo e pela economia de meios do próprio desenho, mesmo nas composições mais densas; nos trabalhos mais recentes, destaca-se um regresso à *pintura-pintura* e à exploração expressiva da cor, que confere uma energia pulsante à representação dos rostos, dos olhares. O olhar é, talvez, o grande motivo destas novas séries: Graça Morais apropria-se de retratos reais que povoam as páginas dos jornais (em diálogo com a atualidade, povoam algumas das suas novas composições os protagonistas da guerra na Ucrânia, desde personagens anónimas a famosos oligarcas russos) e trabalha insistentemente a expressão dos seus rostos. Não interessa um tratamento enquanto retratos físicos ou mesmo psicológicos individuais (daqueles indivíduos específicos), mas sim enquanto testemunhos expressivos dos sentimentos que assolam a própria pintora perante qualquer desrespeito pelos direitos humanos. O olhar de cada uma daquelas figuras é, no fundo, o olhar (inquieta, interrogador) de Graça Morais.

E, no meio da tempestade, a bonança. Depois de três anos difíceis a lidar com problemas de saúde, o isolamento de uma pandemia, a indeterminação do futuro — de que resultaram obras densas reunidas sob o título de *Inquietações* (2021)<sup>13</sup> —, e apesar de permanecerem os desassossegos de foro pessoal ou relacionados com a ordem política e social do país e do mundo, os dias de Graça Morais não deixam de se iluminar. A pintora traz para o seu ateliê de Lisboa alguns ele-

mentos recolhidos em Trás-os-Montes e reforça a sua conexão, do modo mais simples (mas não menos profundo), com as suas origens. Assim, surgem discretamente na sua produção recente indícios das paisagens transmontanas ou de objetos e elementos vegetais ligados àquele território. Nas pequenas pinturas da série *A Metamorfose do Tempo* (2022), a singeleza dos motivos contrasta com a amplitude do seu significado: a romã em lenta secagem, até deixar apenas a sua semente, ou as batatas grelhadas envelhecendo mas anunciando nova vida, são metáforas do poder transformador do tempo e da sua inevitável consequência — um *memento mori* com um prenúncio de esperança, de uma aquietação e apaziguamento que surgem mais claramente anunciados em *Ramo da Paz* (2022).

Graça Morais disse um dia que o seu objetivo é trazer felicidade a quem vê a sua pintura, mesmo quando ela desconforta e inquieta. É essa a “dimensão do mistério e do sagrado<sup>14</sup>” da grande arte, e o fulcro do seu trabalho: perante cada uma das suas obras é-nos dada a oportunidade de refletir sobre o mundo — cada um de nós colocará as suas questões, e cada um de nós encontrará as suas respostas. Pois os mistérios de Graça Morais são, em grande medida, os nossos. ▀

*Lisboa, 22 de agosto de 2022*

<sup>13</sup> Exposição *Inquietações*. Bragança: Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 30 de julho 2021 a 11 de setembro de 2022.

<sup>14</sup> Graça Morais, entrevista em LETRIA, José Jorge. *Graça Morais: a grande arte tem a dimensão do mistério*. Lisboa: Guerra e Paz, 2018, p. 137.







01. SEM TÍTULO, 1979  
Óleo s/ tela  
Assinado e datado 1979 c.i.d.  
Dim.: 35,5 × 41,4 cm

UNTITLED, 1979  
Oil on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 35.5 × 41.4 cm





02. SEM TÍTULO, 1986  
Óleo s/ tela  
Assinado e datado 17.4.86 c.i.d.  
Dim.: 49,0 × 59,3 cm

UNTITLED, 1986  
Oil on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 49.0 × 59.3 cm



03. TRÁS-OS-MONTES, 1986  
Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; datado 1986  
Dim.: 37,8 × 45,7 cm

TRÁS-OS-MONTES, 1986  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 37.8 × 45.7 cm





04. SEM TÍTULO, 1990

Técnica mista s/ papel impresso

Assinado e datado 1990 c.i.d.

Dim.: 47,7 × 70,0 cm

UNTITLED, 1990

Mixed media on printed paper

Signed and dated

Dim.: 47,7 × 70,0 cm



05. O GRITO, 1986  
Acrílico s/ tela  
Assinado e datado c.i.d.  
Dim.: 97,0 × 130,0 cm  
D1110

O GRITO, 1986  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 97.0 × 130.0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

— *Últimas Décadas – 100 de Pintura Portuguesa*, Galeria do Leal Senado, Macau, 1987 (cat. fig. 60)



## 06. JORGE II, 1996

Técnica mista s/ lona  
Assinado e datado 1996 no verso  
Dim.: 205,0 × 280,0 cm

JORGE II, 1996  
Mixed media on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 205.0 × 280.0 cm

*Figurou em: / Exhibited in:*

- *Graça Moraes: Pinturas e Desenhos*, Galeria 111, Porto 1996
- *Exposição Antológica. Memória da Terra – Retrato de Mulher*, MNSR, Porto 1997 (p. 16–17)
- *Graça Moraes*, Palazzo Geremia e Trentino, Trento 1999
- *Terra Quente – Terra Fria*. CACGM, Bragança 2011
- *Graça Moraes. Uma Antologia – Da Terra ao Mar*. CACGM, Bragança 2013

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

- *Graça Moraes*, Livros Quetzal, Lisboa 1997 (p. 199)
- *Graça Moraes*, SNBA/ C. P. Cultura Portuguesa, 1999 (p. 45–46)
- *Graça Moraes, Ordem e Desordem no Mundo*. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011, Coop. Árvore, Porto 2011 (cat. 87, p. 96–97)
- *Graça Moraes, Uma Antologia*, C. M. de Bragança, Bragança 2013 (p. 139)
- *Graça Moraes – 10 Anos*, Município de Bragança, Bragança 2019 (p. 67)

*Nota: / Note:*

- Lona utilizada na apanha da azeitona / *Olive picking net*  
*Colecção particular / Private collection*









07. NATUREZA VIVA, 1996  
Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; datado 30.8.96 c.s.d.  
Dim.: 120,5 × 159,0 cm  
D671

NATUREZA VIVA, 1996  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 120.5 × 159.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*  
— *Olhar Graça Morais*, São Roque, Lisboa 2010 (cat. 01, p. 10–11)  
*Colecção particular / Private collection*







308 96





08. SEM TÍTULO, 2000

Técnica mista s/ papel

Assinado e datado 2000 c.i.d.

Dim.: 20,3 × 28,8 cm

D1769

UNTITLED, 2000

Mixed media on paper

Signed and dated

Dim.: 20.3 × 28.8 cm



09. SEM TÍTULO, 2004  
Sépia s/ papel  
Assinado e datado 2004 c.i.d.  
Dim.: 38,0 x 50,5 cm

UNTITLED, 2004  
Sepia on paper  
Signed and dated  
Dim.: 38.0 x 50.5 cm





10. O OLIVAL, 2014  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2014 c.i.d.  
Dim.: 56,0 × 76,0 cm

O OLIVAL, 2014  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 56.0 × 76.0 cm



11. O SEMEADOR, 2014  
Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; datado 23 *Julho* 2014 c.i.e.  
Dim.: 54,5 × 76,3 cm

O SEMEADOR, 2014  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 54.5 × 76.3 cm





## 12. SEM TÍTULO, 2007

Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado Dez 2007 c.i.d.  
Dim.: 32,0 × 24,0 cm

UNTITLED, 2007  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 32.0 × 24.0 cm

Figurou em: / Exhibited in:

— Graça Morais: Pintura e Desenhos, Galeria 111, Porto 2008

No verso: / On the reverse:

— Tomar



## 13. SEM TÍTULO, 2007

Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado Dez 2007 c.i.d.  
Dim.: 32,0 × 24,0 cm

UNTITLED, 2007  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 32.0 × 24.0 cm

Figurou em: / Exhibited in:

— Graça Morais: Pintura e Desenhos, Galeria 111, Porto 2008

No verso: / On the reverse:

— Tomar



14. SEM TÍTULO, 2007

Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado Dez 2007 c.i.d.  
Dim.: 32,0 × 24,0 cm

UNTITLED, 2007

Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 32.0 × 24.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— Graça Morais: *Pintura e Desenhos*, Galeria 111, Porto 2008

*No verso: / On the reverse:*

— Tomar





15. SEM TÍTULO, 2007

Técnica mista s/ papel

Assinado c.i.e.; datado 2007, 26-XII c.i.d.

Dim.: 40,0 × 30,0 cm

UNTITLED, 2007

Mixed media on paper

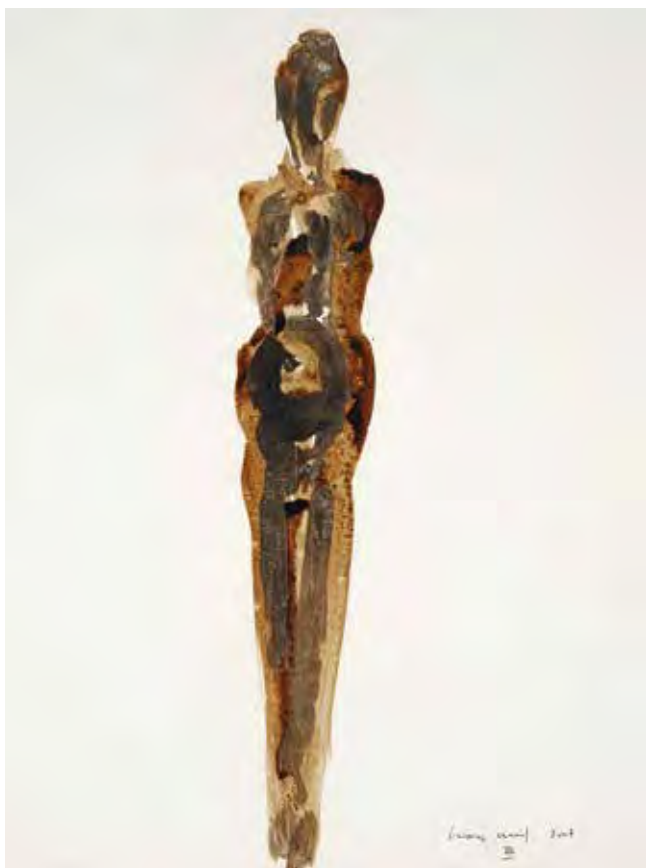
Signed and dated

Dim.: 40.0 × 30.0 cm

---

Figurou em: / Exhibited in:

— Graça Moraes: *Pintura e Desenhos*, Galeria 111, Porto 2008



16. SEM TÍTULO, 2007  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2007 c.i.d.  
Dim.: 40,0 × 30,0 cm

UNTITLED, 2007  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 40.0 × 30.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*  
— Graça Morais: *Pintura e Desenhos*, Galeria 111, Porto 2008  
*No verso: / On the reverse:*  
— Tomar



17. SEM TÍTULO, 2007  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2007 c.i.d.  
Dim.: 40,0 × 30,0 cm

UNTITLED, 2007  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 40.0 × 30.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*  
— Graça Morais: *Pintura e Desenhos*, Galeria 111, Porto 2008





18. PERDIZ, 2018  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2018 c.i.d.  
Dim.: 41,8 × 59,1 cm

PERDIZ, 2018  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 41.8 × 59.1 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— *Perdiz 2018 at Freixiel*



19. SEM TÍTULO, 2018  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2018 c.i.d.  
Dim.: 41,8 x 59,1 cm

UNTITLED, 2018  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 41.8 x 59.1 cm





20. SEM TÍTULO, 2010  
Acrílico s/ papel  
Assinado e datado 20.X.010 c.i.d.  
Dim.: 29,5 × 40,5 cm

UNTITLED, 2010  
Acrylic on paper  
Signed and dated  
Dim.: 29.5 × 40.5 cm



21. SEM TÍTULO, 2011  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado *março 2011* c.i.d.  
Dim.: 20,0 x 50,0 cm

UNTITLED, 2011  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 20.0 x 50.0 cm





22. SEM TÍTULO, 2009

Carvão s/ papel

Assinado e datado 2009 c.i.d.

Dim.: 50,0 × 69,8 cm

UNTITLED, 2009

Charcoal on paper

Signed and dated

Dim.: 50.0 × 69.8 cm



23. SEM TÍTULO, 1991  
Óleo s/ tela  
Assinado e datado 91 c.s.e.  
Dim.: 65,0 × 81,0 cm  
D1708

UNTITLED, 1991  
Oil on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 65.0 × 81.0 cm

*Figurou em: / Exhibited in:*

— Graça Morais, Galeria 111, Porto 2008

— A Tribute to Women. Artists in the São Roque Collection, São Roque<sup>600</sup>, Lisboa 2021 (cat. 47, p. 60)



24. O AÇUCAREIRO DA AVÓ MARQUINHAS, 2008

Óleo s/ tela

Assinado e datado 2008 ao centro

Dim.: 100,0 × 100,0 cm

O AÇUCAREIRO DA AVÓ MARQUINHAS, 2008

Oil on canvas

Signed and dated

Dim.: 100.0 × 100.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— Graça Moraes: *Pinturas e Desenhos*, G. Diário de Notícias, Lisboa 2008; G. Jornal de Notícias, Porto 2008 (p. 8)







## 25. SEM TÍTULO — A CAMINHADA DO MEDO IV, 2011

Técnica mista s/ papel

Assinado e datado 2011 c.i.e.

Dim.: 150,0 × 111,0 cm

## UNTITLED — A CAMINHADA DO MEDO IV, 2011

Mixed media on paper

Signed and dated

Dim.: 150.0 × 111.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— Graça Moraes: *A Caminhada do Medo*, Coop. Árvore, Porto 2011 (cat. 06, p. 25)

— *A Caminhada do Medo. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011*, CACGM, Bragança 2012

— Graça Moraes. *Os Desastres da Guerra*, F. Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa 2013 (p. 13)

— Graça Moraes. *Uma Antologia – Da Terra ao Mar*. CACGM, Bragança 2013

— Graça Moraes. *A Coragem e o Medo*, CACGM, Bragança 2018 (p. 36)

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

— Graça Moraes, *Ordem e Desordem no Mundo. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011*, Coop. Árvore, Porto (cat. 149, p. 146)

— Graça Moraes. *Uma Antologia*, C. M. de Bragança, 2013 (p. 63)







## 26. SEM TÍTULO — A CAMINHADA DO MEDO VI, 2011

Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2011  
Dim.: 150,0 × 111,0 cm

## UNTITLED — A CAMINHADA DO MEDO VI, 2011

Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 150.0 × 111.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

- *Graça Moraes: A Caminhada do Medo*, Coop. Árvore, Porto 2011 (cat. 08, p. 27)
- *A Caminhada do Medo. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011*, CACGM, Bragança 2012
- *Graça Moraes. Os Desastres da Guerra*, F. Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa 2013 (p. 23)
- *Graça Moraes. Uma Antologia – Da Terra ao Mar*. CACGM, Bragança 2013
- *Graça Moraes. Fuga do Caos e do Abismo*, Museu Municipal de Penafiel, Penafiel 2016 – 2017 (p. 19)
- *Graça Moraes. A Coragem e o Medo*, CACGM, Bragança 2018 (p. 40)

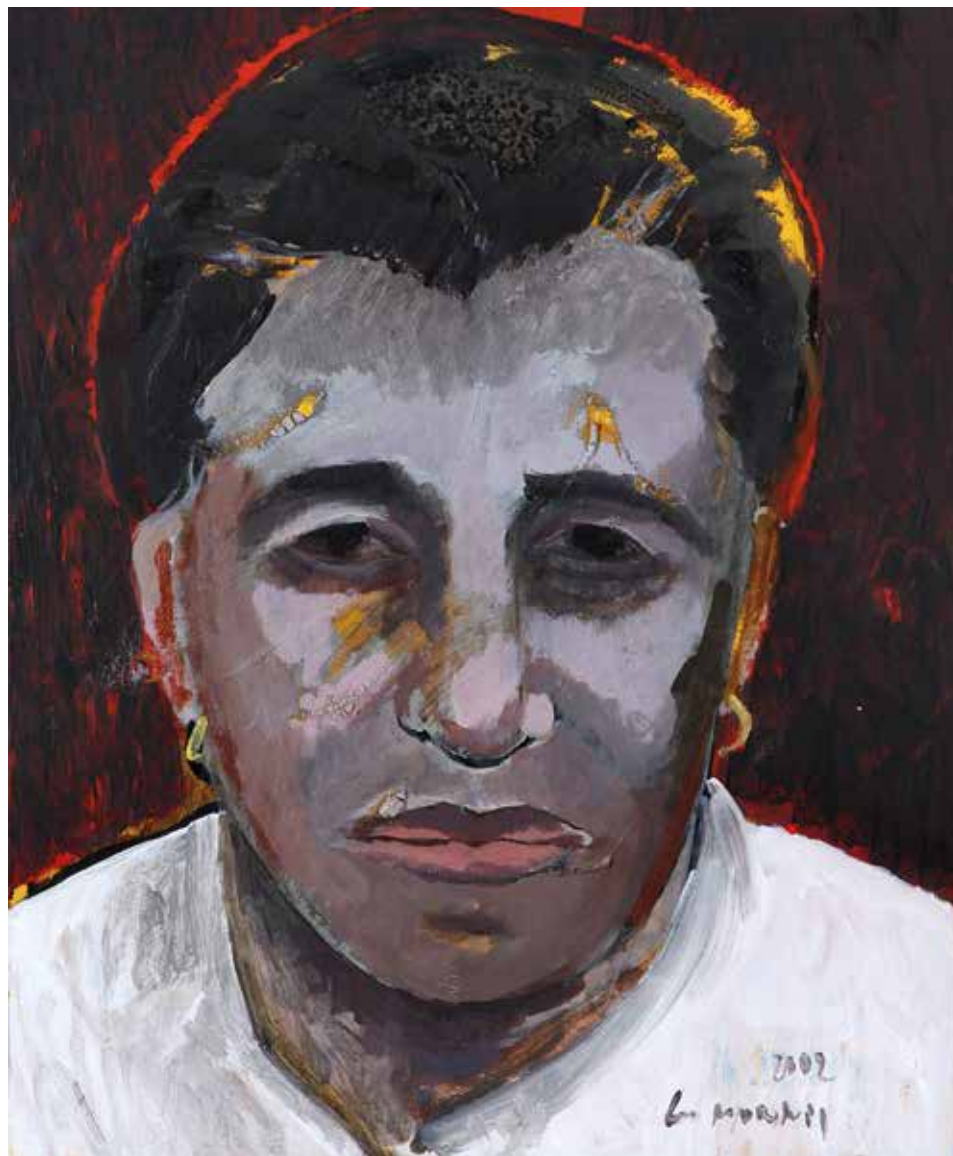
*Reproduzido em: / Illustrated in:*

- *Graça Moraes, Ordem e Desordem no Mundo. Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011*, Coop. Árvore, Porto (cat. 151, p. 148)
- *Graça Moraes. Uma Antologia*, C. M. de Bragança, 2013 (p. 142)
- *Graça Moraes – 10 Anos: 2008/2018*, Município de Bragança, 2019 (p. 70)









27. SEM TÍTULO, 2002  
Acrílico s/ tela  
Assinado e datado 2002 c.i.d.  
Dim.: 46,0 x 38,0 cm  
D596

UNTITLED, 2002  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 46.0 x 38.0 cm



28. SEM TÍTULO, 2012  
Acrílico s/ tela  
Assinado e datado 2012 c.i.e.  
Dim.: 40,8×32,8 cm

UNTITLED, 2012  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 40.8×32.8 cm





29. SEM TÍTULO, 2011

Acrílico s/ tela

Assinado e datado 2011 c.i.e.

Dim.: 55,0 × 46,0 cm

UNTITLED, 2011

Acrylic on canvas

Signed and dated

Dim.: 55.0 × 46.0 cm



30. É TÃO DIFÍCIL PINTAR!, 2011  
Acrílico s/ tela  
Assinado c.i.d.; datado 2011 c.i.e.  
Dim.: 55,0 × 46,0 cm

É TÃO DIFÍCIL PINTAR!, 2011  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 55.0 × 46.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— *é tão difícil pintar! 12.Fev.2011*

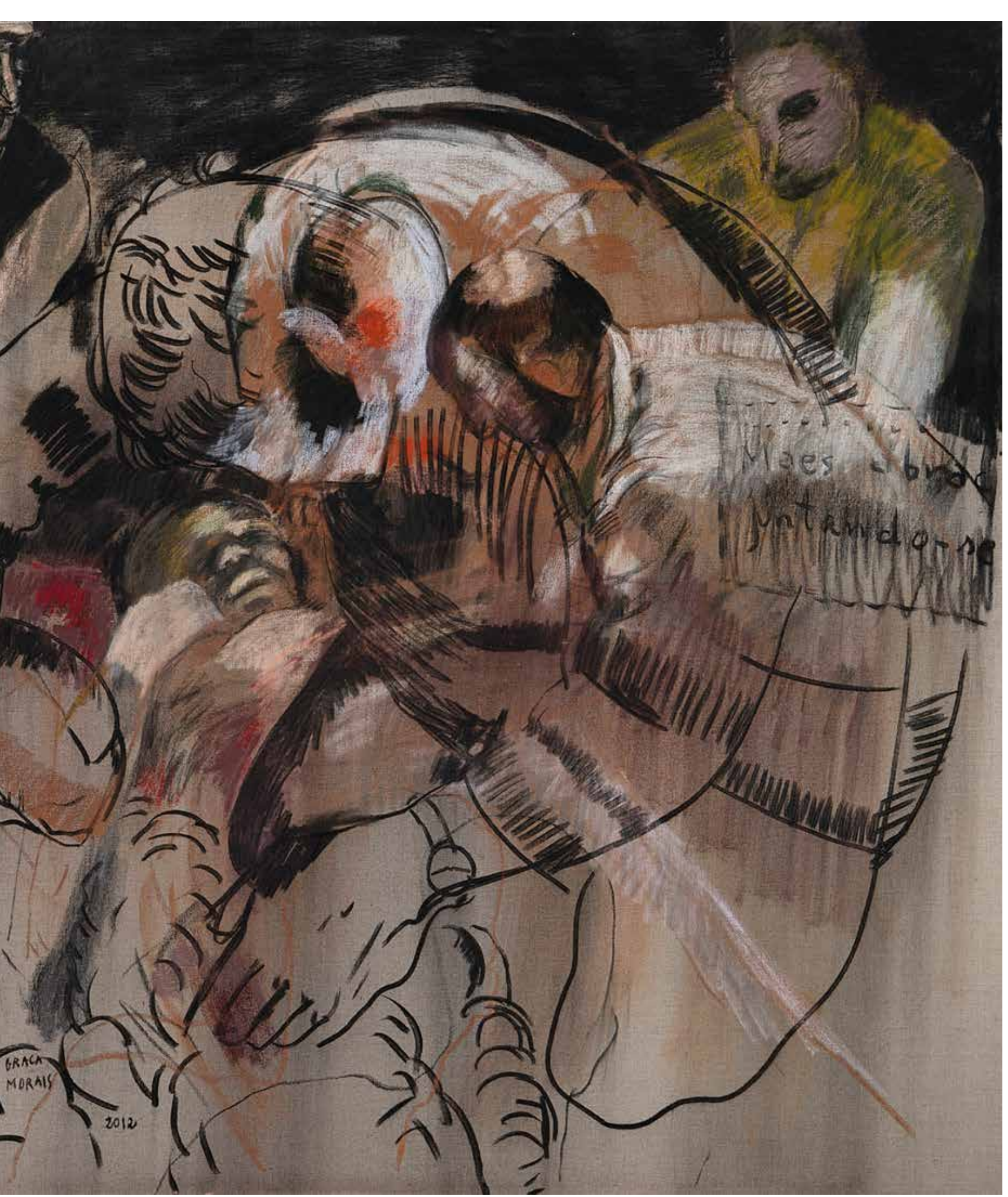


31. SEM TÍTULO, 2012  
Técnica mista s/ tela  
Assinado e datado 2012  
Dim.: 113,8 × 146,0 cm

UNTITLED, 2012  
Mixed media on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 113.8 × 146.0 cm







GRACA MORAIS

2012

Maes e broc  
juntando-se



32. AS SOMBRAS DO MEDO I, 2012  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2012 c.i.d.  
Dim.: 111,3 × 75,8 cm

AS SOMBRAS DO MEDO I, 2012  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 111.3 × 75.8 cm

---

32. 33. e 34. figuraram em: / Exhibited in:

— Graça Moraes. *Os Desastres da Guerra*, F. Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa 2013 (p. 49, 51 e 53 )

— Graça Moraes. *A Coragem e o Medo*, CACGM, Bragança 2017 (p. 6, 7 e 8)



GRAU MORAJ  
2012





33. AS SOMBRAS DO MEDO II, 2012

Técnica mista s/ papel

Assinado e datado 2012 c.i.d.

Dim.: 111,3 × 75,8 cm

AS SOMBRAS DO MEDO II, 2012

Mixed media on paper

Signed and dated

Dim.: 111.3 × 75.8 cm



34. AS SOMBRAS DO MEDO III, 2012

Técnica mista s/ papel

Assinado e datado 2012 c.i.d.

Dim.: 111,3 × 75,8 cm

AS SOMBRAS DO MEDO III, 2012

Mixed media on paper

Signed and dated

Dim.: 111.3 × 75.8 cm



35. PROMESSA II, 2015

Acrílico s/ papel

Assinado e datado 2015 c.i.e.

Dim.: 150,0 × 100,0 cm

D1695

PROMESSA II, 2015

Acrylic on paper

Signed and dated

Dim.: 150.0 × 100.0 cm

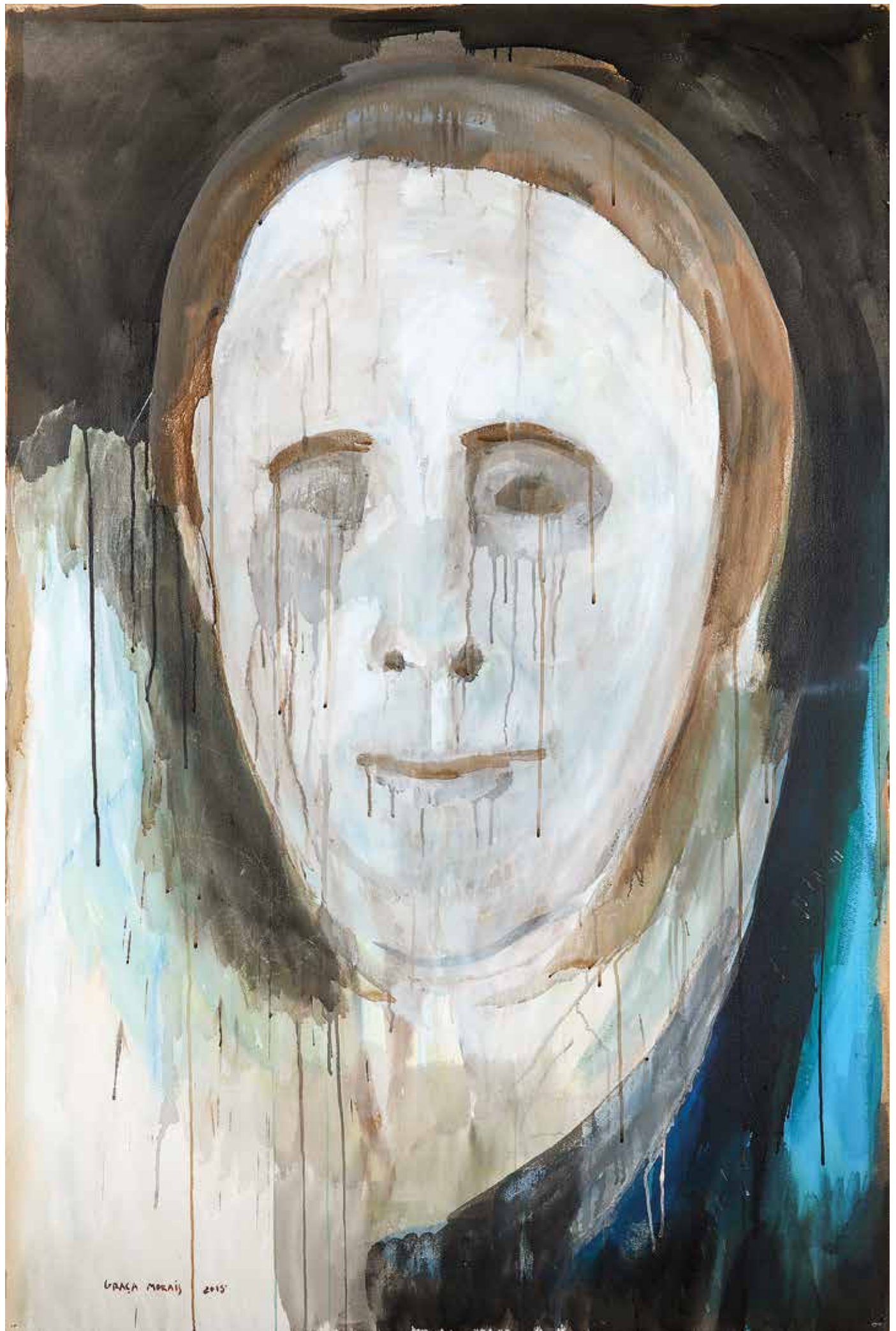
---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Ritos e Mitos. Quarenta Anos de Carreira Artística – 1974/2014*, CACGM, Bragança 2015

— *Graça Moraes – Ressonâncias da Voz e dos Ecos*, F. Champalimaud, Lisboa 2017 (p. 19)

— *A Tribute to Women, Artists in the São Roque Collection*, São Roque<sup>100</sup>, Lisboa 2021 (cat. 46, p. 60)



GRACA MORAIJ 2015



36. MIGRANTE I, 2018

Carvão s/ papel

Assinado e datado *junho 2018* c.i.e.

Dim.: 152,4 × 102,5 cm

MIGRANTE I, 2018

Charcoal on paper

Signed and dated

Dim.: 152.4 × 102.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 87)





37. MIGRANTE II, 2018

Carvão s/ papel

Assinado e datado *junho 2018* c.i.d.

Dim.: 152,4 × 102,5 cm

MIGRANTE II, 2018

Charcoal on paper

Signed and dated

Dim.: 152.4 × 102.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 86)





38. MIGRANTE III, 2018

Carvão s/ papel

Assinado e datado *junho 2018* c.i.d.

Dim.: 152,4 × 102,5 cm

MIGRANTE III, 2018

Charcoal on paper

Signed and dated

Dim.: 152.4 × 102.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 87)





39. MIGRANTE IV, 2018

Carvão s/ papel

Assinado c.i.d.; datado *junho* 2018 à dir.

Dim.: 152,4 × 102,5 cm

MIGRANTE IV, 2018

Charcoal on paper

Signed and dated

Dim.: 152.4 × 102.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 86)



June 2018

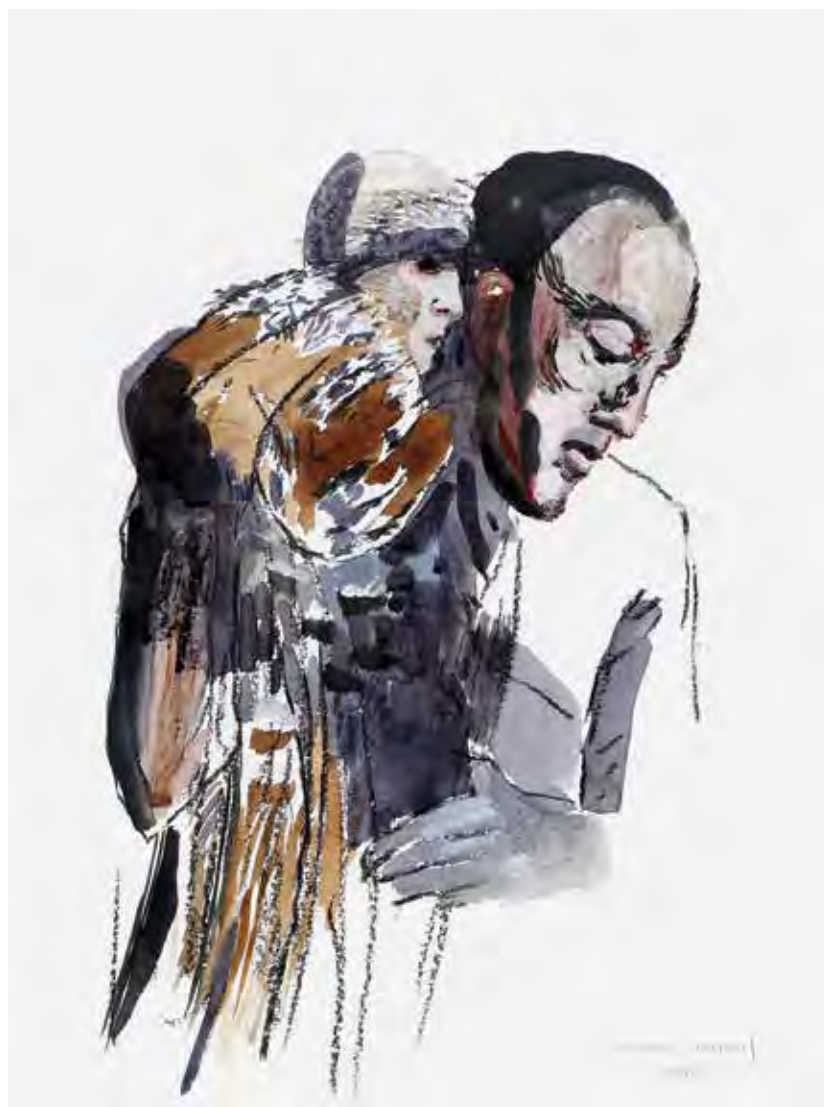
Morris





40. SEM TÍTULO, 2018  
 Técnica mista s/ papel  
 Assinado e datado 2018 c.i.d.  
 Dim.: 40,0 x 30,0 cm  
 D1255

UNTITLED, 2018  
 Mixed media on paper  
 Signed and dated  
 Dim.: 40.0 x 30.0 cm



41. SEM TÍTULO, 2018  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2018 c.i.d.  
Dim.: 40,0 x 30,0 cm

UNTITLED, 2018  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 40.0 x 30.0 cm



**42. SEM TÍTULO, 2019**

Carvão s/ papel

Assinado e datado 2019 c.i.d.

Dim.: 59,5 × 42,0 cm

**UNTITLED, 2019**

Charcoal on paper

Signed and dated

Dim.: 59.5 × 42.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNSR, Porto 2019



43. SEM TÍTULO, 2019  
Carvão s/ papel  
Assinado e datado 2019 c.i.e.  
Dim.: 59,5 × 42,0 cm

UNTITLED, 2019  
Charcoal on paper  
Signed and dated  
Dim.: 59.5 × 42.0 cm

---

Figurou em: / Exhibited in:  
— *Metamorfoses da Humanidade*, MNSR, Porto 2019





44. SEM TÍTULO — METAMORFOSES II, 2018

Técnica mista s/ papel

Assinado e datado 19.2.2018 c.i.d.

Dim.: 42,0 × 29,5 cm

D1422

UNTITLED — METAMORFOSES II, 2018

Mixed media on paper

Signed and dated

Dim.: 42.0 × 29.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited in:*

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 74)



45. SEM TÍTULO — METAMORFOSE DA HUMANIDADE V, 2018  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2018 c.i.d.  
Dim.: 29,5 × 42,0 cm  
D1421

UNTITLED — METAMORFOSE DA HUMANIDADE V, 2018  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 29.5 × 42.0 cm

---

Figurou em: / Exhibited in:

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfoses da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 61)

— *A Tribute to Women. Artists in the São Roque Collection*, São Roque<sup>600</sup>, Lisboa 2021 (cat. 49, p. 61)





## 46. SEM TÍTULO

METAMORFOSES DA HUMANIDADE VII.1, 2018

Grafite s/ papel

Assinado e datado 6. Março 2018, 14. Março c.i.d.

Dim.: 14,5 × 41,5 cm

D1425

## UNTITLED

METAMORFOSES DA HUMANIDADE VII.1, 2018

Graphite on paper

Signed and dated

Dim.: 14.5 × 41.5 cm

---

 Figurou em: / Exhibited in:
— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019— *Metamorfozes da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 79)— *A Tribute to Women. Artists in the São Roque Collection*, São Roque<sup>600</sup>, Lisboa 2021 (cat. 48, p. 61)



47. SEM TÍTULO

METAMORFOSES DA HUMANIDADE VII.2, 2018

Grafite s/ papel

Assinado no verso; datado 17. Março 2018 c.i.d.

Dim.: 25,7 × 42,0 cm

D1424

UNTITLED

METAMORFOSES DA HUMANIDADE VII.2, 2018

Graphite on paper

Signed and dated

Dim.: 25,7 × 42,0 cm

Figurou em: / Exhibited in:

— *Humanidade*, CACGM, Bragança 2019

— *Metamorfozes da Humanidade*, MNAC, Lisboa 2019; MNSR, Porto 2019 (p. 84)





48. SEM TÍTULO, 2018  
Goma-laca s/ papel  
Assinado e datado 10.VI.XVIII c.i.d.  
Dim.: 29,5 × 40,5 cm  
D1423

UNTITLED, 2018  
Shellac on paper  
Signed and dated  
Dim.: 29.5 × 40.5 cm



49. O ANJO CANSADO, 2018  
Goma-laca s/ papel  
Assinado e datado 10.VI.2018 c.i.d.  
Dim.: 29,7 × 42,0 cm

O ANJO CANSADO, 2018  
Shellac on paper  
Signed and dated  
Dim.: 29.7 × 42.0 cm

---

No verso: / On the reverse:  
— O anjo cansado



50. O PENSADOR, 2018  
Goma laca s/ papel  
Assinado e datado 2018  
Dim.: 29,7 × 40,6 cm

O PENSADOR, 2018  
Shellac on paper  
Signed and dated  
Dim.: 29.7 × 40.6 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— 11 Abril 2018

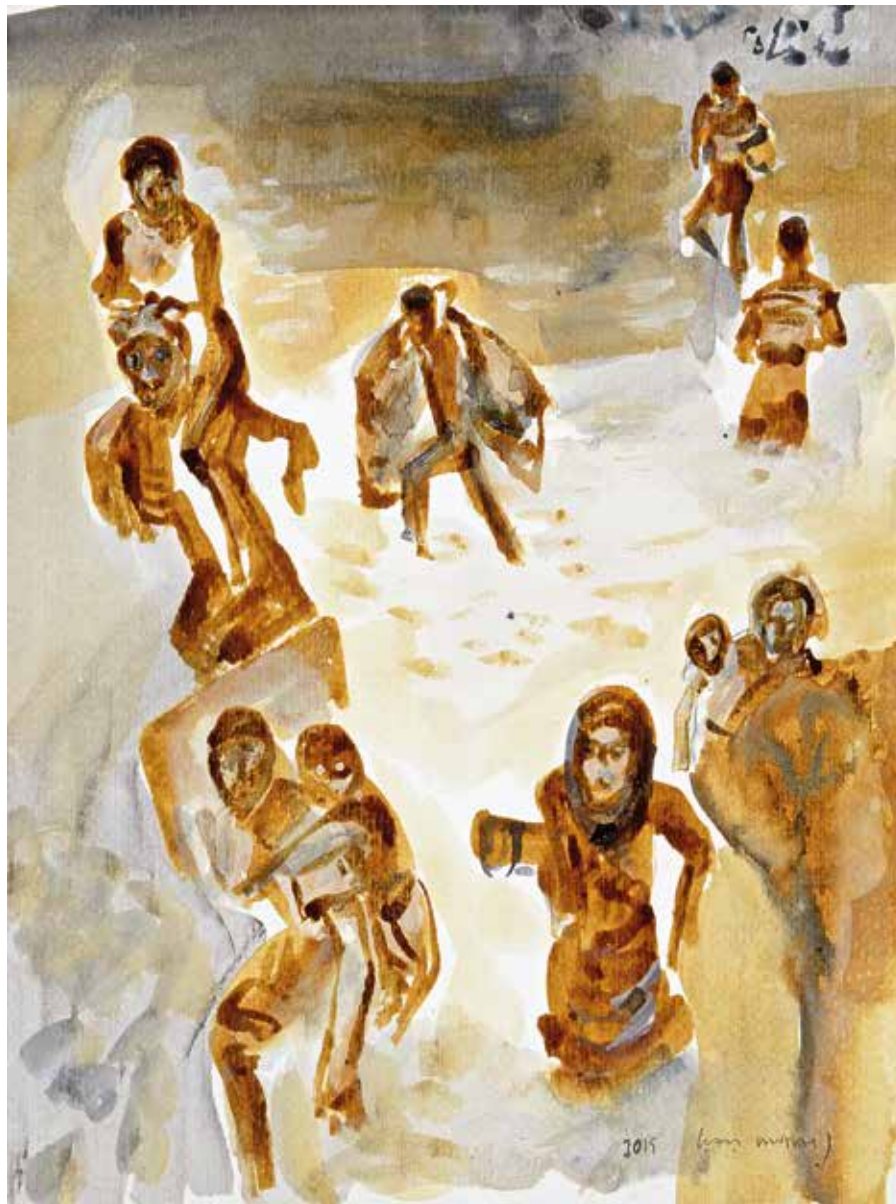




(imom 4/17)

2018





51. REFUGIADOS, 2019  
Goma-laca s/ papel  
Assinado e datado 2019 c.i.d.  
Dim.: 40,0 × 30,0 cm

REFUGIADOS, 2019  
Shellac on paper  
Signed and dated  
Dim.: 40.0 × 30.0 cm

*No verso: / On the reverse:*  
— Dezembro 2019



52. SEM TÍTULO, 2020  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado 2020 c.i.d.  
Dim.: 36,0 x 48,0 cm

UNTITLED, 2020  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 36.0 x 48.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— 11 Maio 2020





53. SEM TÍTULO, 2020  
Goma-laca s/ papel  
Assinado e datado 11 Dez. 2020 em baixo  
Dim.: 39,5 × 32,0 cm

UNTITLED, 2020  
Shellac on paper  
Signed and dated  
Dim.: 39.5 × 32.0 cm



54. SEM TÍTULO, 2021  
Pastel s/ papel  
Assinado e datado 8. Abril 2021 c.i.d.  
Dim.: 42,0 × 29,7 cm

UNTITLED, 2021  
Pastel on paper  
Signed and dated  
Dim.: 42.0 × 29.7 cm





55. SEM TÍTULO, 2021  
 Pastel s/ papel  
 Assinado e datado 10.IV-21 c.i.d.  
 Dim.: 29,7 × 42,0 cm

UNTITLED, 2021  
 Pastel on paper  
 Signed and dated  
 Dim.: 29.7 × 42.0 cm



56. SEM TÍTULO, 2021  
Pastel s/ papel  
Assinado e datado 10.IV.21 c.i.e.  
Dim.: 42,0 × 29,7 cm

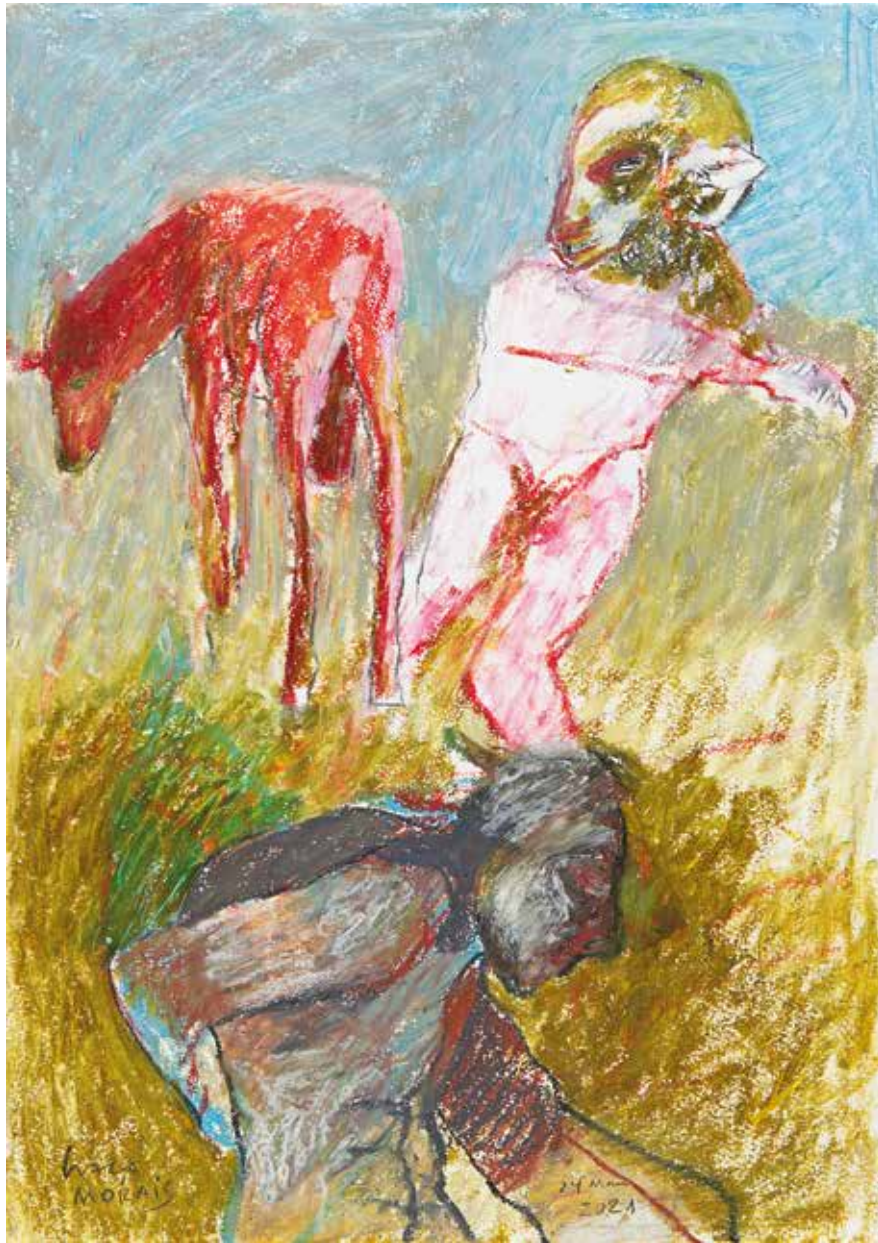
UNTITLED, 2021  
Pastel on paper  
Signed and dated  
Dim.: 42.0 × 29.7 cm





57. SEM TÍTULO, 2021  
Pastel s/ papel  
Assinado e datado 24 Maio 2021 c.i.d.  
Dim.: 42,0 × 29,7 cm

UNTITLED, 2021  
Pastel on paper  
Signed and dated  
Dim.: 42.0 × 29.7 cm



58. SEM TÍTULO, 2021  
Pastel s/ papel  
Assinado c.i.e.; datado 24 Maio 2021 c.i.d.  
Dim.: 42,0 × 29,7 cm

UNTITLED, 2021  
Pastel on paper  
Signed and dated  
Dim.: 42.0 × 29.7 cm





59. SEM TÍTULO, 2021

Acrílico s/ tela  
Assinado e datado 2021 c.i.d.  
Dim.: 30,0 × 30,0 cm

UNTITLED, 2021  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 30.0 × 30.0 cm

---

No verso: / On the reverse:  
— estúdio S.S. 11 Março 2021



60. SEM TÍTULO, 2022

Acrílico s/tela  
Assinado e datado 022 c.i.d.  
Dim.: 30,0 × 30,0 cm

UNTITLED, 2022  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 30.0 × 30.0 cm

---

No verso: / On the reverse:  
— Julho 2022 S.S. Lisboa



61. SEM TÍTULO, 2022  
Acrílico s/ tela  
Assinado e datado 022 c.i.e.  
Dim.: 20,0 × 25,0 cm

UNTITLED, 2022  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 20.0 × 25.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— 26.VII.022 S.S. Lisboa



62. SEM TÍTULO, 2022  
Acrílico s/tela  
Assinado e datado 022 c.i.e.  
Dim.: 30,0 × 40,0 cm

UNTITLED, 2022  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 30.0 × 40.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— Julho 2022 S.S. Lisboa



63. MASHA I, 2022

Acrílico s/ tela

Assinado e datado 2022 c.i.d.

Dim.: 50,0 × 61,0 cm

MASHA I, 2022

Acrylic on canvas

Signed and dated

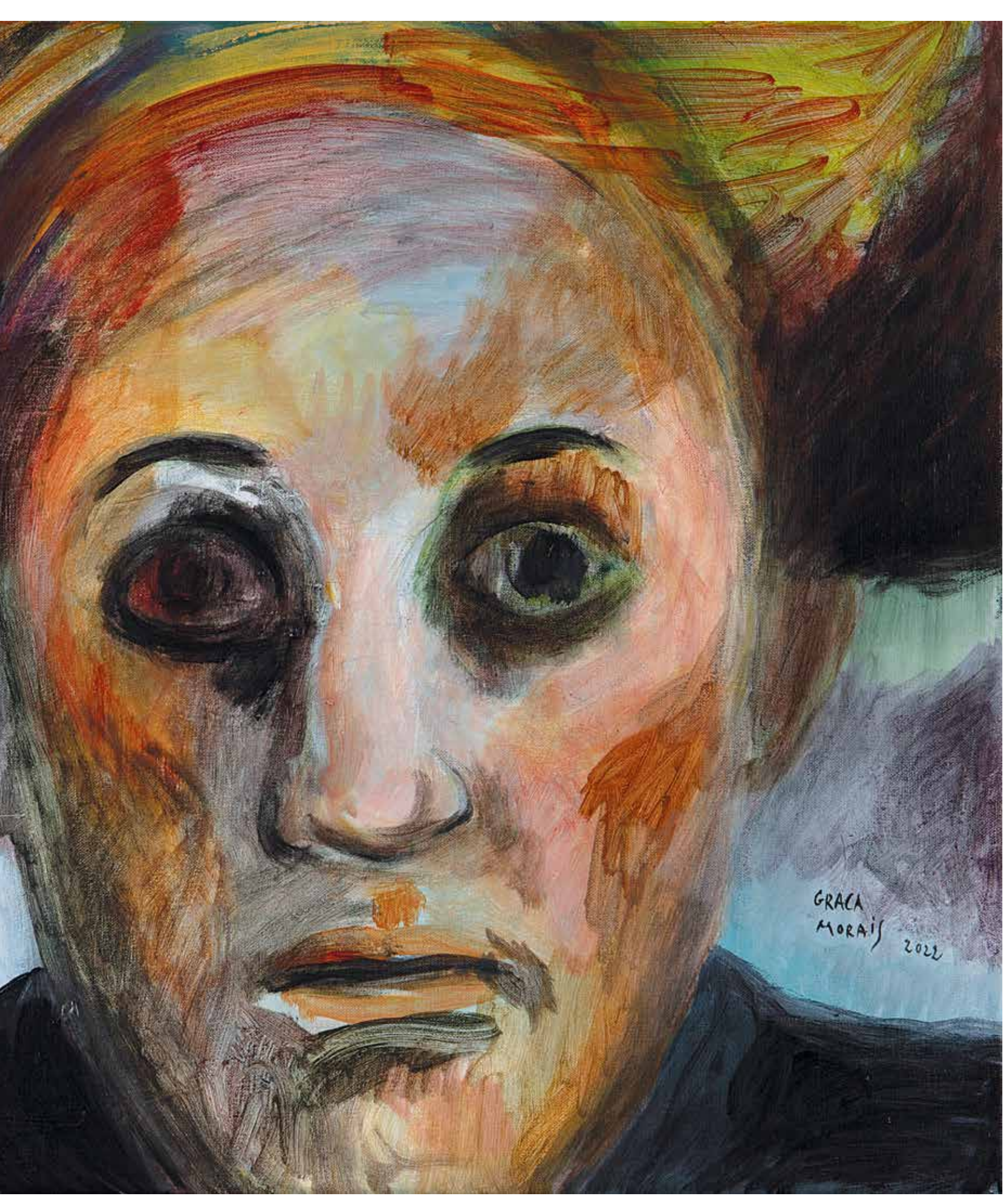
Dim.: 50.0 × 61.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— Julho 2022







GRACA  
MORAIS 2022





64. MASHA II, 2022  
Acrílico s/ tela  
Assinado e datado 2022 c.i.d.  
Dim.: 50,0 × 61,0 cm

MASHA II, 2022  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 50.0 × 61.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— 2022 Julho Freixiel



65. MASHA III, 2022  
Acrílico s/ tela  
Assinado e datado 2022 c.i.d.  
Dim.: 60,0 x 73,0 cm

MASHA III, 2022  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 60.0 x 73.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*  
— 2022 Julho Freixiel





## 66. MASHA IV, 2022

Acrílico s/ tela

Assinado c.i.d.; datado 2022 c.i.e.

Dim.: 20,0 × 25,0 cm

## MASHA IV, 2022

Acrylic on canvas

Signed and dated

Dim.: 20.0 × 25.0 cm

---

 No verso: / On the reverse:

— Freixiel, 27-VI-2022, I-VII



## 67. MASHA V, 2022

Acrílico s/ tela

Assinado e datado 2022 c.i.d.

Dim.: 20,0 × 25,0 cm

## MASHA V, 2022

Acrylic on canvas

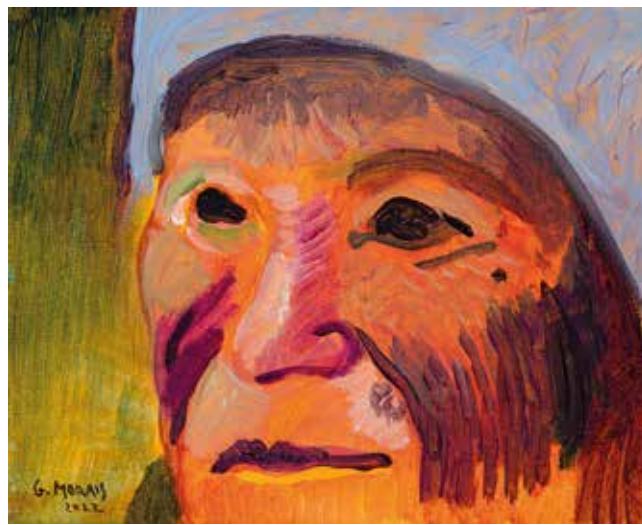
Signed and dated

Dim.: 20.0 × 25.0 cm

---

 No verso: / On the reverse:

— 27.VI.022, 1.VII.022



68. MASHA VI, 2022

Acrílico s/ tela

Assinado e datado 2022 c.i.e.

Dim.: 20,0 x 25,0 cm

MASHA VI, 2022

Acrylic on canvas

Signed and dated

Dim.: 20.0 x 25.0 cm

---

*No verso: / On the reverse:*

— 1.VII.22





69. SEM TÍTULO, 2022  
Técnica mista s/ papel  
Assinado à dir.; datado 2019 – 22 em baixo  
Dim.: 152,0 × 102,2 cm

UNTITLED, 2022  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 152.0 × 102.2 cm



70. SEM TÍTULO, 2022  
Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; datado 2022 c.i.d.  
Dim.: 76,0 × 57,0 cm

UNTITLED, 2022  
Mixed media on paper  
Signed and dated  
Dim.: 76.0 × 57.0 cm



71. SEM TÍTULO, 2022

Acrílico s/ tela

Assinado c.i.d.; datado 2022 c.i.e.

Dim.: 80,0 x 120,0 cm

UNTITLED, 2022

Acrylic on canvas

Signed and dated

Dim.: 80.0 x 120.0 cm















72. SEM TÍTULO, 2022  
Acrílico s/tela  
Assinado e datado 2022 c.i.d.  
Dim.: 50,0 × 120,0 cm

UNTITLED, 2022  
Acrylic on canvas  
Signed and dated  
Dim.: 50.0 × 120.0 cm

No verso: / On the reverse:  
— Julho 2022 S.S.





**§ SÃO ROQUE, ANTIGUIDADES & GALERIA DE ARTE**

RUA DE S. BENTO 199B E 269  
1250 – 219 LISBOA  
PORTUGAL  
T+F +351 213 960 734 // +351 962 363 260  
E GERAL@SAOROQUEARTE.PT  
WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM

**§ COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO**

MÁRIO ROQUE  
ANTÓNIO AFONSO LIMA  
MARTA ALMEIDA  
MARTA PEREIRA

**§ TEXTOS**

ANTÓNIO AFONSO LIMA  
JOANA BAIÃO  
JOSÉ MANUEL DOS SANTOS  
SILVIA CHICÓ

**§ EDIÇÃO**

SÃO ROQUE

**§ FOTOGRAFIA**

JOÃO KRULL

**§ FOTOGRAFIAS DE GRAÇA MORAIS**

AUGUSTO BRÁZIO (PÁG. 002 E 018)  
GEORGES DUSSAUD (PÁG. 008)  
GONÇALO SILVA (PÁG. 004)  
ROBERTO SANTANDREU (PÁG. 012)  
RUI OCHÓA (PÁG. 010 E 011)

**§ EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM**

EDUARDO PULIDO

**§ DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO**

JOSÉ MENDES

**§ IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

MR ARTES GRÁFICAS

**§ TIRAGEM**

500 EXEMPLARES

**§ DEPÓSITO LEGAL**

505050/22

**§ ISBN**

978 – 989 – 53002 – 7 – 3

**§ ©SÃO ROQUE 2022**

**§ AGRADECIMENTOS**

CARLOS ALBUQUERQUE  
JOANA BAIÃO  
JOANA MORAIS  
JOÃO KRULL  
JONATHAN GOULD  
E A TODA A EQUIPA DA SÃO ROQUE

ISBN 978-989-53002-7-3



9 789895 300273







**SÃO ROQUE** | ANTIGUIDADES & GALERIA DE ARTE  
Rua de São Bento, 199B | 1250 - 219 Lisboa | T +351 213 960 734  
**São Roque**® T +351 213 970 197  
geral@saoroquearte.pt | antiguidadessaoroque.com